

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA**

MONOGRAFIA DE PEDAGOGIA

INDISCIPLINA: AS VOZES DOS SUJEITOS DA ESCOLA

Autor: Aline Antunes Ribeiro

Orientadora: Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia como requisito parcial a conclusão do Curso de Pedagogia.

São Gonçalo
2008

Aline Antunes Ribeiro

INDISCIPLINA: AS VOZES DOS SUJEITOS DA ESCOLA



Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada, ao Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

São Gonçalo
2008

*À orientadora desta monografia,
Prof. Dra. Jacqueline dos Santos Moraes, pessoa admirável
e imprescindível na realização deste trabalho, que, com
critério, foi apontando o caminho correto e seguro.
Jessé, meu companheiro de todos os momentos,
principalmente nos mais difíceis, pelo seu amor, carinho,
apoio e incentivo em todas as fases deste trabalho.
Aos meus pais, Ronaldo e Deyse e minha irmã, Gleiciene,
que sempre, com muito amor e compreensão, me apóiam em
cada etapa de minha vida.
Obrigada pela compreensão e por acreditarem em mim.*

Agradecimentos

Chegou o momento de agradecer àquelas pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Pessoas que me incentivaram de diferentes maneiras.

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado forças, disposição e paciência para concluir este trabalho em tão pouco tempo.

À minha orientadora, Jacqueline de Fátima dos Santos Morais, que me acolheu no seu Grupo de Orientação. Foi a partir desta acolhida e de sua disposição em orientar cada passo do meu trabalho que tive o apoio necessário para empreender esta jornada.

Sou grata aos professores e aos alunos que foram sempre solícitos em ceder um pouco de seu tempo para serem entrevistados. Quero lembrar que vocês foram imprescindíveis para esta pesquisa, por oferecerem sua energia, vontade e amizade durante a coleta de informações nas entrevistas.

E neste momento, em especial, ao meu marido Jessé Batista pela compreensão dos momentos que não lhe dei a atenção que merecia pelo fato de estar engajada na monografia. Obrigada por todo o amor que você tem por mim e por compartilhar comigo suas expectativas e ideais. Saiba que você é o maior presente que Deus me deu.

Tenho um agradecimento especial para com a Jenifer Lopes Rodrigues, minha querida amiga e companheira do curso de pedagogia, pela disposição em me ajudar no início desta caminhada, dar sugestões, compartilhar das minhas angústias e preocupações que confesso me preencheram em alguns momentos.

À minha querida mãe, Deyse de Castro Antunes e ao meu pai Ronaldo Cardoso Ribeiro, pelo amor, incentivo e confiança, sem os quais eu nunca teria chegado até aqui. Saibam que vocês são os principais responsáveis pelo meu sucesso.

Agradeço a minha irmãzinha querida, Gleiciene Antunes Ribeiro, pelo carinho e amizade que tem demonstrado.

Impossível expressar em palavras meu amor e gratidão por todos vocês!

Quero agradecer a todos que mesmo sem saber estiveram do meu lado e participaram da minha vida das mais variadas formas.

À todos vocês o meu: Muito Obrigada!!!

“O fim da indisciplina acontece quando crianças e adolescentes são ouvidos, conhecem o objetivo de cada atividade e negociam a melhor maneira de atingi-los”.

ÁUREA LOPES.

Resumo

A monografia “Indisciplina: As Vozes dos Sujeitos da Escola” tem como foco a análise de relatos de um grupo de professores e alunos de escolas públicas e particulares do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental a respeito da indisciplina escolar. Para isso, busquei interrogá-los sobre questões referentes ao conceito de indisciplina; as histórias vividas na escola; aos fatores atribuídos a indisciplina e como meus entrevistados lidam com esta situação. Para aprofundamento teórico, busquei autores como Michael Foucault, Paulo Freire, Içami Tiba e Maria José de Moraes Pereira. Neste trabalho pude perceber que a indisciplina tem implicações sociais, culturais, econômicas, familiares e escolares.

Palavras-chave: Indisciplina; Cotidiano Escolar; Professores e Alunos

Sumário

| | |
|---|-----|
| Capítulo I - Memorial: uma ponte entre o passado e o presente..... | 08 |
| Capítulo II - Indisciplina: da discussão metodológica a apresentação dos sujeitos da pesquisa | 17 |
| Capítulo III - O que os sujeitos pensam a respeito de indisciplina: em busca de um conceito | .26 |
| Capítulo IV - As causas da indisciplina segundo os diferentes sujeitos | 39 |
| Capítulo V - As táticas e estratégias para lidar com a indisciplina | 44 |
| Capítulo VI - Entre relatos de indisciplina e critérios para ser um bom aluno | 51 |
| Capítulo VII – Conclusões | 58 |
| Bibliografia | 63 |
| Anexos - Entrevistas feitas com alunos e professores..... | 65 |

CAPÍTULO I

MEMORIAL: UMA PONTE ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

A PONTE!
*Ponte, apenas uma recordação,
ligando o hoje ao outrora,
uma saudade teimosa, uma
vibração,
que apesar e envelhecida, está no
agora.*
(Bernardino Matos, Fortaleza)

Como começar escrever sobre minha trajetória?!

Imaginei uma ponte... Em geral uma ponte serve para uma travessia que nos permite alcançar o outro lado.

Tendo esta idéia na mente, resolvi utilizar esta *construção* para voltar ao meu passado e tentar resgatá-lo, trazendo aspectos importantes para o presente. O conselho de Bosi me ajuda nesta viagem pois, segundo o autor:

“ Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1999; p.55)

Percebo que durante esta travessia alguns momentos foram perdidos no meio do caminho e outros levarei comigo para, certamente, utilizar no amanhã...

Nunca havia realizado uma travessia como essa. Como sempre definimos objetivos a serem alcançados durante uma viagem, nesta quis resgatar o que estava lá no comecinho da ponte: minha infância, as brincadeiras, a construção dos primeiros anos de existência, que fizeram com que eu chegasse onde estou hoje.

Com isso descobri que essas lembranças estão vivas, bem vivas, dentro de mim e, diariamente, recordo-me o que vivi há muito tempo atrás. Mas recordar, como diz Guimarães Rosa, não é tarefa simples...

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balance, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam. Contar seguido, alinhado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. (João Guimarães Rosa)

Concordo com Guimarães Rosa. A lembrança não é resgatada de maneira linear, seguida, em discurso encadeado e lógico. O vivido não é guardado em gavetas dentro da gente, apesar da origem etimológica indicar um lugar de seu arquivamento: o coração. Sim, porque recordar significava, em sua raiz, *tirar do coração*, onde supostamente ficavam guardadas.

Ao reportar-me a minha infância, logo mergulho nas lembranças que estão em todo o meu corpo. Lembranças que trazem cheiros, gostos, sentidos múltiplos. Lembranças que evocam, por exemplo, as brincadeiras na rua (pega-pega, pique, queimada, macaquinho mandou, chicote queimado...) com as crianças que moravam na vizinhança de casa. Formávamos um grupo misto (meninos e meninas) e todos com a faixa etária próxima. Quando lembro, tudo parece muito perto, como Guimarães Rosa já alertara: *Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data.*

Lembro-me que em meio às atividades lúdicas que desenvolvíamos, os adultos estavam sempre por perto, principalmente meus pais, que faziam questão que as brincadeiras fossem realizadas na nossa casa para que eles tivessem a possibilidade de estarem-nos “observando”. Desta forma, nossa casa estava sempre cheia de crianças e todas as vezes que íamos brincar, tínhamos a participação dos meus pais que sempre estiveram presentes nas brincadeiras. Em tudo isso uma frase de T. Berry Brazelton me ocorre “A disciplina é o segundo presente mais importante que um pai pode dar a uma criança. O amor vem em primeiro lugar”. A disciplina e o controle familiar sempre estiveram presentes em minha vida mas ao mesmo tempo também a certeza do amor que sentiam por mim.

Recordo-me também de minha irmã, três anos mais nova que eu, minha companheira de todas as horas, das brincadeiras e brigas comuns nesta fase. Quando estávamos fora do horário de brincar na rua e também após termos cumprido nossas tarefas escolares e domésticas que consistiam, principalmente, em arrumar nosso quarto, nossos brinquedos... gostávamos de pular elástico, amarelinha, brincar de escolinha e casinha, vestir as roupas e usar a maquiagem de minha mãe, muito participativa de nossas brincadeiras... o que só fazia aumentar o nosso amor e admiração por ela!

Meus pais sempre me ensinaram o que poderíamos chamar de *bons hábitos de convivência*. Tudo em nossa casa era regido com muita organização e disciplina. Um exemplo disso era a cobrança que minha mãe fazia com os livros e cadernos, que deveriam estar sempre muito bem organizados com letras legíveis e bonitas.

“Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar.
(BOURDIEU,1998 p. 41)

Com tanta cobrança familiar, cresci uma pessoa muito organizada e caprichosa. Na escola era sempre uma excelente aluna e todos me elogiavam por ser tão estudiosa.

Durante o Ensino Fundamental, estudei em escola pública, onde tive excelentes professores. Esta fase da minha vida foi bastante importante, pois conheci pessoas que me influenciaram e me ajudaram a crescer.

Logo ao terminar o Ensino Fundamental surgiu a dúvida: qual curso deveria escolher para fazer no Ensino Médio? Com a ajuda da minha mãe, que muito me incentivou a fazer a escolha pelo Curso Normal, fui estudar no Instituto de Educação Clélia Nanci. Esta foi a época mais marcante da minha vida pois neste período decidi realmente seguir a profissão tão sonhada pela minha mãe. De início, esta não era a minha opção profissional, porém com tantas experiências vividas no curso, fui idealizando este sonho e hoje tenho a certeza que esta escolha não foi em vão. Como Jesus (2000) também eu:

“Não me fiz professora, me construo professora, cotidianamente, em diferentes instâncias nas quais tenho interagido, nas diferentes interlocuções que tenho feito, nas múltiplas teias de relações que tenho tecido” (pág. 39)

Agradeço profundamente a minha mãe que tanto me motivou a seguir em frente, pois hoje percebo que estou no caminho certo. Permaneci no Clélia Nanci por 2 anos e quando iria fazer o 3º Ano do Ensino Médio, decidi juntamente com meus pais transferir-me para uma escola particular, o Colégio Santa Catarina, por conta de terem implantado o 4º Ano nas escolas da rede pública. Tal mudança gerou muita luta e esforço da minha parte, pois tive que me adaptar aos novos métodos utilizados neste colégio, sem contar que o ano letivo já

havia iniciado. Este ano se resumiu a muitas horas de estudo, muitos estágios para cumprir a carga horária, muito cansaço e muito apoio dos meus pais que tinham consciência do que eu estava passando naquele momento. Como tudo passa, consegui me formar, e para minha alegria fui contratada pela diretora desta escola para trabalhar no ano seguinte com turmas de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Neste momento, aliado a ansiedade e insegurança que sentia, vivi um imenso pavor, pois tinha apenas 17 anos e não sabia, ao certo, o que fazer. Todas as professoras já tinham experiência. Eu era a única novata. Recebi, porém, grande apoio delas e da diretora... Enfim, de todos da escola. Até as crianças me receberam com muita receptividade!

Reporto-me a fala de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* que diz:

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p. 25)

Tendo consciência disto, foi que aprendi não somente com meus colegas de trabalho, mas também com meus alunos, pois cada momento era um ensinamento. Então percebi que muitas vezes era preciso traçar novos caminhos e mudar a maneira de ensinar.

Lembro-me que falava baixo, não conseguia gritar, dar “aquelas broncas”... Eu me sentia tímida.

No ano de 2004 recebi a notícia que havia passado no vestibular para o curso de Pedagogia da UERJ. Senti-me muito feliz, pois não esperava esta grande notícia.

Iniciou-se então, mais um período de grandes lutas. Muitos trabalhos, seminários, textos. Enfim, tentava de todas as formas conciliar todos os meus afazeres com a faculdade. Enfrentei uma dificuldade maior na época do meu casamento. Tive que me dedicar aos preparativos de meu enlace matrimonial, sem deixar de cumprir com os compromissos da faculdade e do trabalho.

Durante todo esse tempo pude contar com a ajuda da minha família e do meu marido que tanto me deram forças para prosseguir nesta longa jornada. Me senti profundamente identificada com a descrição da vida de professora que encontrei em *Ashton-Warner*. Assim como ela, também eu acredito que:

"Não é apenas uma parte de nós que se torna professor.(...) compromete a totalidade do eu – da mulher ou do homem,da

esposa ou do marido, do pai ou da mãe, do apaixonado, do intelectual, do artista que há em cada um, bem como do professor que ganha a sua vida... Coincidiam, misturavam-se afectaram-se uns aos outros, contaminando-se muitas vezes, sendo o próprio ensino a sua caixa de ressonância. Se me sentia feliz, a sala de aula ganhava. Se pensasse que o meu marido não estava satisfeito comigo, não ensinava adequadamente, mas, se ele me beijasse de manhã antes de ir à escola, ensinava de modo adequado. Quando os meus filhos estavam bem, a classe estava bem, mas se um deles estivesse doente, saía e eu ia para casa... a minha descoberta de tudo isto foi o que me levou ao estudo de mim própria e do ser humano” (Ashton-Warner, 1967, pp. 10-11 citado por Nóvoa 1992: 81-82)

Durante esta caminhada, permaneci no Colégio Santa Catarina por 4 anos. E logo fui chamada para lecionar em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de um outro colégio em Niterói, no qual trabalho até hoje. Tentava colocar em prática as teorias que adquiria na faculdade e percebi que algumas davam certo e outras, devido a diversas situações que contrastavam com a realidade vivida naquele ambiente escolar, não eram possíveis. Comecei a perceber que nem sempre a teoria e prática andam juntas. Temos, como nos diz Freire (1996:13), que buscar uma relação entre as duas. E esta relação só se faz através da reflexão crítica pois:

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.

Com tantas lutas sinto-me orgulhosa pela profissão que exerço. Venci algumas barreiras e percebi o quanto tenho a aprender ainda. Acredito que sempre tive essa percepção em relação à responsabilidade que a educação nos obriga a ter e, talvez por isso, muitas vezes, torna-se tão assustador ser professor. Será o receio de talvez “nunca chegar lá” que torna a vida interessante? Talvez.

Cada dia que passa construo mais um pedacinho da minha identidade profissional, buscando caminhos alternativos para chegar ao aluno, entrando em contato com o outro e revendo-me como pessoa, na certeza de estar sempre aprendendo com a realidade.

Analisando a minha história de vida, percebo que a escolha do tema indisciplina surgiu com a minha experiência de vida, tanto na minha família quanto no meu trabalho. Para isto, decidi iniciar minha monografia falando um pouco sobre minha história de vida, colocando assim, os motivos que me fizeram escolher este tema pois:

No campo da educação, do ensinar e do aprender, [...] o saber e suas regras não se constituem em um a priori, mas na reflexão que ao longo do processo se faz real, no trabalho intelectual que se constrói, deixando espaço para o desejo de saber e de aprender e a arte de ensinar, essenciais à práxis pedagógica (COELHO, 1996, p. 39).

Desde muito pequena, como aluna das primeiras séries do ensino fundamental, ouvi muito as professoras reclamarem de alunos desobedientes, malcriados e indisciplinados. Em minha casa também, vivi muitos momentos de repreensão e castigos estipulados pela minha mãe, quando eu ou minha irmã fazíamos algo de errado. Ao me formar no Curso Normal e iniciar a minha carreira como professora, presenciei a aplicação de muitos castigos e a imposição da autoridade estabelecida pelo professor.

Essa trajetória como professora me levou a diversos questionamentos sobre a disciplina escolar, o que me fez buscar, no estudo acadêmico, possíveis respostas. Se não, pelo menos algumas pistas. A leitura de alguns autores serviu de reflexão para a definição do que é disciplina e de como essa questão é vista na escola e na sala de aula.

O desejo de entender melhor a indisciplina surgiu a partir da minha experiência enquanto professora em uma escola particular e reforçado pelas conversas com outras professoras que relatavam situações e angústias vivenciadas.

Creio que a oportunidade de estudar assuntos do cotidiano escolar, tão recorrentes como a indisciplina nas escolas, contribui sem dúvida, para o exercício essencial da profissão docente, que é o de observar com olhos de investigação a escola, a sala de aula e todos que fazem parte deste trabalho.

Neste trabalho monográfico, procurei identificar quais discursos são produzidos a respeito das possíveis causas da indisciplina nas salas de aula das séries iniciais do ensino fundamental. Para isto, realizei entrevistas com professoras e alunos de escolas públicas e privadas, através das quais, objetivava conhecer as diferentes histórias da indisciplina, saber como as professoras lidam com esta questão, a que fatores são atribuídas as causas da

indisciplina, quais são as estratégias para lidar com estas situações e como os alunos reagem as normas estabelecidas pela escola.

Nos dias atuais, a escola e a sociedade de um modo geral, tem se defrontado com fatos reais de indisciplina e violência.

Muitos pais diante de inúmeros desafios que encontram no dia-a-dia profissional, estão se distanciando da educação de seus filhos, transferindo para a escola toda a responsabilidade que lhes cabe.

Assim, por omissão ou falta de preparo dos adultos, não só os pais mais também os professores, uma geração inteira vem sendo influenciada pela mídia que a remete a um mundo violento, sem religiosidade, sem limites e personalidade, onde a lei do mais forte é que impera.

É motivo de grande preocupação, saber que a violência não está presente apenas no mundo dos adultos. As crianças podem encontrá-la em desenhos animados, revistinhas e até mesmo em brinquedos. Está instituído no discurso social que todos os sujeitos desejam a paz. O que então é entendido como paz? A solução seria a proibição de contatos das crianças com livros, revistas, programas infantis, música e brinquedos que provocam a violência?

Muitos são os sujeitos que diante da crítica a determinado incentivo a violência, afirmam: “Isso é só uma brincadeira, não é real”. Mas até que ponto iremos acreditar que este e outros recursos não irão influenciar no comportamento da criança, seja em casa, na escola ou em outro ambiente que esta se relacione? Pois até onde sabemos, as atitudes infantis são o reflexo do que está acontecendo na sociedade.

A cada dia, educadores deparam-se com atitudes indisciplinadas e agressivas de seus alunos em sala de aula, o que tem deixado-os pasmos, sem saber que atitude tomar diante destas situações. A indisciplina e a violência que ultrapassa os muros da escola e invade as salas de aula, torna o professor refém de um novo tipo de infância, ser adulto ou professor não é mais suficiente para entender e agir. Estas ações são precedidas de medos, angústia, inquietações.

Em muitos estabelecimentos escolares, os professores não são orientados a atuar como mediadores do conhecimento, nem tão pouco a estabelecerem um vínculo de convivência com seus alunos. Muitas escolas têm se pautado pela adoção de um modelo de

disciplina com muitas características de autoritarismo. Regras são criadas e impostas, sem que haja a mínima participação dos alunos.

Ao exercer pressão constante sobre os alunos para que todos estudem, aprendam, façam suas tarefas, respeitem as normas, e, sobretudo, obedeçam as ordens dadas, considera-se um sistema disciplinador, punitivo e com fortes características normalizadoras. Alcançando a regulamentação através de uma coerção permanente e que atravessa os aspectos, as tarefas e as características da prática escolar cotidiana.

Segundo Foucault, é dessa maneira que o modelo do dispositivo disciplinar é aplicado:

“Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar.” (1998: 174-175)

As relações entre os alunos, neste contexto geram, portanto, uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência. Na sala de aula acontece uma troca de complexas relações, mas na medida em que o professor não consegue perceber essas dificuldades gera conflitos entre alguns alunos e professores.

Forma-se uma rígida divisão entre aquele que diz saber e impõe àquele que obedece e se revolta. Dessa forma cada um passa a ser movido por obrigações que são impostas.

Segundo Freire (2005:105):

“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.”

Ao concluir este memorial, vejo a importância que a base familiar que tive na infância me ajudou a ser o que sou hoje. Trago no meu coração a marca da minha história.

Quando falo da minha trajetória profissional, percebo que através da memória vasculhada, os sentidos vão resgatando do passado as emoções, as experiências vividas em alguns momentos e que ficaram impressas na minha mente. Vejo que a memória é viva e que o passado e o futuro vão se misturando e se revelando no agora. E partindo desta preocupação de narrar a minha trajetória para entender como me fiz professora, foi possível perceber que a minha história de vida se entrelaçava com meu desejo de pesquisar sobre o tema da indisciplina. E foi na intenção de contribuir para sistematizar o conhecimento sobre a temática da indisciplina que esta monografia foi produzida.

Tomando como objetivo de pesquisa os saberes e significados em relação às falas dos sujeitos investigados da escola, este trabalho estrutura-se da forma a seguir.

No primeiro capítulo apresentei em linhas gerais a minha história de vida e minhas experiências profissionais uma vertente que influenciou no meu desejo de investigar sobre a questão da indisciplina. Especifiquei, também, a justificativa da importância do tema e os caminhos da pesquisa.

Em seguida, no segundo capítulo, busco analisar a importância de se desenvolver pesquisa na área das ciências humanas e faço uma apresentação dos sujeitos da pesquisa.

No terceiro capítulo, falo sobre o que os sujeitos entrevistados pensam a respeito da indisciplina, através da relação entre as análises dos dados coletados nas entrevistas realizadas com professores e alunos e os aspectos das questões teóricas, no intuito de melhor compreender a indisciplina na sala de aula.

No quarto capítulo, abordo as causas da indisciplina segundo os sujeitos entrevistados, para saber a que fatores são atribuídos os motivos da indisciplina dos alunos.

No quinto capítulo, analiso as táticas e estratégias que os professores usam para lidar com a indisciplina segundo os relatos de alunos e professores, buscando fundamentar com os autores trabalhados.

No sexto capítulo, mostro os critérios para ser um bom aluno na visão dos professores e alunos. Desta forma aproveito para discutir sobre a discriminação e rotulação de bom e mau aluno

No sétimo capítulo, onde concluo o meu trabalho monográfico, trago algumas considerações que ajudam a finalizar este trabalho com clareza de sua incompletude e com a expectativa de ter proporcionado contribuições.

CAPÍTULO II

INDISCIPLINA: DA DISCUSSÃO METODOLÓGICA A APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

*Ponte, uma ligação, que viabiliza,
encontro de tristezas, de alegrias,
de afetos, que tanto sensibiliza,
esperas, desencontros e fantasias.*
(Bernardino Matos, Fortaleza,
31/12/06)

Para a realização de uma pesquisa é preciso analisar os dados coletados sobre determinado assunto em diálogo com o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Assim, é a partir do interesse do pesquisador a respeito de um determinado assunto que surge a vontade de pesquisar:

Este conhecimento é, portanto, fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigativa dos indivíduos, a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente”
(Lüdke & André, p.2)

Comigo não foi diferente. Meu tema surgiu por curiosidade. Assim, minha escolha não é neutra. Também não foi neutra a escolha metodológica: a entrevista.

Não posso negar que o uso da entrevistas foi, por vezes, bastante difícil. De fato, concordando com KANDEL (1980), *a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas sempre uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos*. Entrevistar não foi tarefa fácil. Muitas foram as implicações desta opção pois, como o autor afirma: *as informações dadas pelo sujeito podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador*. Assim, reportando a (BONAZZI 1996 p.34):

“... o entrevistador deve, antes de mais nada, saber guardar silêncio, aprender a ouvir, respeitar o entrevistado, estar disposto a tomar, pacientemente, a conversa, suscitar a

recordação através de um questionamento discreto, orientar o entrevistado sem precipitação, procurar não falar ao mesmo tempo que ele, não insistir quando ele evita uma recordação dolorosa, não se precipitar em perguntar de novo, repetir a mesma pergunta de diferentes maneiras para tentar vencer as barreiras.”

Foi necessário ser paciente e procurar criar, entre o entrevistado e eu, entrevistador, um clima de cumplicidade. Constantemente, no decorrer dos relatos, tive que exercer um papel de vigilância quanto ao meu próprio papel de ouvinte, a fim de conservar um certo distanciamento durante a realização do trabalho, mesmo sabendo que isso era bastante difícil. Por vezes, as lembranças dos professores chegaram a me comover. Outras vezes, os relatos chegavam a provocar sentimentos contraditórios. Em alguns dava vontade de discutir e interferir. Foi necessário sempre lembrar que, acima de tudo, como afirma FONSECA (1997), *“está o respeito pelos sujeitos, pelas suas lembranças, posições, explicações e, sobretudo, pela autoridade dos mesmos sobre o que deve, ou não, ser conservado”*.

Considero importante esclarecer que, muitas vezes, ao ouvir as histórias dos professores e alunos, eu sentia como se fosse a protagonista daquela história, por ter vivido situações semelhantes. Portanto, a imparcialidade e o distanciamento foram dois fatores que, apesar de buscados no desenrolar do trabalho poucas vezes foi alcançado. Pude experimentar a queda de um dos grandes mitos da pesquisa acadêmica: que para ter validade é preciso garantir imparcialidade e neutralidade na relação entre pesquisador e pesquisado. Como lembra LÜDKE, o clima precisa ser de respeito e confiança:

“Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente.” (LÜDKE p.35)

Nesta pesquisa, optei por realizar entrevistas estruturadas, o que me permitiu uma comparação entre os dados coletados.

“A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação

desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.”(LÜDKE p.34)

Realizei entrevistas com professoras e alunos de escolas públicas e privadas. Desejava conhecer diferentes histórias de indisciplina, saber como as professoras lidam com esta questão, a que fatores são atribuídas as causas da indisciplina, quais são as estratégias para lidar com estas situações e como os alunos reagem às normas estabelecidas pela escola.

Todas as entrevistas foram gravadas por mim através do meu celular e logo em seguida transcritas no computador. Integralmente, todas as entrevistas estarão em anexo no final desta monografia para que cada um possa realizar novas e diferentes leituras do mesmo material.

Para entender as manifestações indisciplinadas nas escolas, realizei entrevistas com quatro professoras e quatro alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Escolhi fazer a entrevista com a metade dos entrevistados da rede pública e a outra metade da rede privada. Acredito que este número me permite obter dados confiáveis para a pesquisa, o que com menos entrevistados não poderia. Além disso, um número excessivo inviabilizaria, neste momento, a análise que poderia fazer desta temática.

Durante o decorrer das entrevistas com as professoras, senti muita dificuldade em realizá-las, pois algumas não cumpriam com o compromisso que haviam marcado comigo e outras, ao conversarem comigo antes da entrevista, estavam receosas de dar alguma informação que as comprometessem. No entanto, expliquei-lhes as minhas intenções, procurando dissipar possíveis desconfianças quanto ao uso dos dados.

Durante as entrevistas todas escutaram as perguntas com bastante atenção para em seguidas respondê-las.

De semelhante modo, conversei com os alunos individualmente e percebi que todos estavam bastante surpresos, demonstrando que não estavam habituados a participar de entrevistas, e muito menos a fazer juízos sobre o tema sugerido. Como praticamente todas as pessoas que busquei entrevistar são próximas de mim, não houve reação negativa e todos colaboraram com a proposta.

A pesquisa se desenvolveu a partir de questões feitas para as professoras e alunos igualmente, seguindo o roteiro abaixo:

- 1- O que é indisciplina para você?
- 2- O que causa a indisciplina?
- 3- Quais são as estratégias que você utiliza para diminuir a indisciplina dentro da sala de aula? É utilizado algum tipo de castigo? Isso funciona?
- 4- Relate algum caso de indisciplina que você já presenciou.
- 5- Para você, o que é ser um bom aluno?

Para cada uma dos entrevistados, dei um nome fictício para garantir a preservação da sua identidade, uma vez que, para mim, o mais importante nesta pesquisa são as questões levantadas e não os nomes das pessoas. No decorrer da conversa que tive com todos os entrevistados para lhes explicar minhas intenções, aproveitei para lhes comunicar sobre os nomes fictícios, para assim ficarem mais à vontade para responder as questões.

Um das preocupações que mais se destacaram nesta pesquisa, tanto com os professores como com os alunos foram os aspectos éticos. Vários autores enfatizam a necessidade de esclarecer a finalidade da pesquisa ao conjunto dos sujeitos, bem como a apresentação do projeto de pesquisa e o cuidado com o sigilo. Segundo Inês de Assunção de Castro Teixeira (2003), nas relações e interações entre os sujeitos da pesquisa, diversas questões devem ser consideradas:

Uma delas refere-se aos aspectos éticos, seja no que tange aos valores, aos usos e às finalidades da investigação [...]. Neste particular, entre outras condutas dos pesquisadores, deve-se assegurar o caráter confidencial das informações. (Teixeira, 2003, p.86)

Deste modo, para manter o cuidado ético com os entrevistados, dei-lhes nomes figurativos. Creio que o mais importante não esteja na identificação dos sujeitos mas em suas respostas. Assim, começando a apresentação com as professoras, dei-lhes os seguintes nomes: Carla, Elaine, Roberta e Vilma

Carla possui 28 anos. Atua em uma escola particular, localizada no município de Niterói, dando aula para uma turma de 2º ano, porém com experiência maior em turmas de

5º ano. Esta professora leciona há 9 anos. Já trabalhou com contrato do Estado em escolas públicas e por ter terminado o contrato, atualmente está trabalhando somente nesta escola particular. Possui o curso Normal e realizou o Curso Normal Superior na Universidade Plínio Leite. Entrevistei esta professora no seu local de trabalho, durante a hora da saída dos alunos. O ambiente estava muito tumultuado e ouvia-se pessoas falando a todo momento. Durante a entrevista, a professora se mostrou bastante interessada em cooperar com este trabalho. A escolha por esta professora se deu pela aproximação que tenho com ela, pois esta trabalha na mesma escola que eu. Portanto não houve nenhuma resistência aparente dela em ceder um pouco de seu tempo para me responder algumas perguntas. A escola onde esta professora trabalha está situada no bairro do Fonseca em Niterói e lá estudam crianças de classe média.

A segunda professora entrevistada, Elaine, trabalha também numa escola particular, porém situada no município de São Gonçalo, lecionando para o 4º ano. Com aproximadamente 20 anos de experiência somente atuou em escolas privadas. Elaine possui 45 anos e possui formação de Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- FFP.

Esta entrevista foi mais tranqüila que a da professora Carla, pois foi realizada na casa desta professora, situada no município de São Gonçalo. Eu já conhecia esta professora há alguns anos e por isso a escolhi para ser entrevistada. Tendo conhecimento de sua experiência como professora e sabendo que esta poderia contribuir para a minha pesquisa, conversei com ela explicando os motivos que me fizeram a escolher com uma das minhas entrevistadas. De início, a professora parecia receosa em fornecer alguns dados, me perguntou para que eu estaria lhe entrevistando e como usaria seu nome. No mesmo momento lhe expliquei que não usaria seu nome real, para não causar nenhum constrangimento, iria usar um nome fictício para ela ficar mais à vontade para expor sua opinião à respeito das perguntas que eu iria fazer. A partir daí, a entrevistada respondeu as perguntas não demonstrando mais resistência. Entendo que a preocupação da professora pode estar entrelaçada a uma atitude de bom senso, pois quando há uma certa resistência do entrevistado à participar da pesquisa, isto pode estar relacionado com um preservação sadia, onde há uma preocupação em não saber o que o entrevistador irá fazer com os dados

obtidos. Por isso acho importante conversar abertamente com os sujeitos da pesquisa e lhes explicar o real objetivo das entrevistas.

A escola onde a Elaine atua, está localizada no Centro de São Gonçalo. Uma escola grande que atende alunos de classe média.

Já a professora Roberta, atua na rede pública de ensino, em duas escolas do município de Niterói, com turmas de 3º e 2º ano do Ensino Fundamental. Tem experiência de 25 anos, com turmas de 1º, 2º e 3º ano. Roberta possui 49 anos, cursou Pedagogia pela Universidade Plínio Leite e está terminando as pós Graduação em Psicopedagogia também pela Plínio Leite.

Consegui contato com esta professora através de uma amiga minha que a conhecia. Conversando com minha amiga sobre as entrevistas que eu teria que realizar com algumas professoras, esta me falou que talvez a Roberta, sua amiga, poderia me ajudar, pois em outras situações já tinham conversado sobre a indisciplina de alguns de seus alunos. Aproveitando a oportunidade de estarmos numa festa de aniversário na casa desta minha amiga, fomos apresentadas e começamos a conversar. Contando sua trajetória como professora, tive a convicção que suas experiências caberiam em minha monografia. Então, perguntei se poderia entrevistá-la. Ela aceitou o convite. Pedi que fossemos para um ambiente mais reservado, visto que o local que estávamos, era bastante barulhento, tendo em vista a festa de aniversário. Fomos então, para dentro da casa e lá comecei a entrevista. Consegui um gravador com a minha amiga e assim, fiz as perguntas, que já havia decorado, pelo fato de estar bastante envolvida na pesquisa. Durante a entrevista, aconteceram algumas pausas, pois as pessoas entravam no ambiente que estávamos conversando e isto desconcentrava a entrevistada. Quando isto acontecia, eu pausava o gravador e retomava a questão logo em seguida. Esta entrevista foi bastante tumultuada, tendo em vista o local que nos encontrávamos. Pensei em marcar um outro dia, porém a professora não tinha tempo disponível, por isso achei melhor não desperdiçar a oportunidade daquele momento.

A última professora que entrevistei, Vilma, atua em uma escola pública do município de São Gonçalo, leciona para uma turma de 5º ano e tem experiência de 13 anos no magistério. Esta professora possui 37 anos de idade e é formada pela Universidade Federal Fluminense. Vilma tem laços de amizade com a minha mãe e por isso foi mais fácil manter contato com ela. Marquei duas vezes com esta professora na casa da minha mãe, porém ela

ligou dizendo que não poderia ir por motivos pessoais. No dia do nosso encontro, estava chovendo bastante e por sua demora a chegar, pensei que não iria. Com certo atraso a professora chegou e entrevista pode acontecer. Conversando anteriormente com Vilma, ela me relatou que a escola onde atua, situada no bairro de Jardim Catarina, no município de São Gonçalo, atende alunos de classe popular, com muita carência de vestimentas, alimentação e afeto. Segundo esta professora alguns alunos vão à escola somente pelo almoço que a escola oferece. Percebi através da conversa que esta professora poderia contribuir bastante com a minha pesquisa.

Ao término da entrevista com as professoras, fui em busca de alunos que também pudessem colaborar com a minha pesquisa e logo veio em minha mente alguns alunos que estudam no colégio onde eu trabalho e outros com quem tenho certa aproximação.

Deste modo, selecionei quatro alunos do 2º ao 5º Ano do Ensino Fundamental, dois de escola pública e dois de escola privada. Dei-lhes também nomes fictícios: Thamires, Fernando, Pedro e Beatriz.

A primeira aluna que entrevistei foi a Thamires, que estuda em um colégio particular do município de Niterói. Tem 10 anos e está no 5º Ano do Ensino Fundamental no turno da manhã. Consegui contato com a Thamires, pois ela é aluna da escola onde eu trabalho e por isso tenho com ela uma certa aproximação. A Thamires gostou muito da entrevista, e me perguntou se eu iria usá-la na reunião de pais ou mostrar para a diretora. Como de costume, antes de iniciar as perguntas, lhe expliquei minhas intenções e por ser uma menina bastante curiosa, e esperta, percebi que estava ansiosa por ser uma experiência nova. Percebendo sua ansiedade, procurei sentar com ela, lhe explicando os reais motivos, também procurei conversar com a menina numa linguagem que para ela fosse mais fácil de compreender, mostrei-lhe o meu caderno onde anotava as reações e falas das pessoas que já havia entrevistado. E a partir daí, as suas dúvidas referentes a entrevista se acabaram. A aluna me permitiu começar a entrevista dizendo que gostaria de me ajudar e que iria responder a todas as perguntas que fizesse a ela, onde não iria esconder nada. Para conseguir entrevistar esta aluna, tive que chegar 11 horas da manhã na escola, conversei com a sua professora e esta permitiu que a Thamires saísse da sala após realizar o dever. Fui para uma sala com a aluna para lhe entrevistar e esta muito me ajudou.

O Fernando estuda na mesma escola que a Thamires, porém no turno da tarde. Tem 7 anos e cursa o 3º ano do Ensino Fundamental. Como o Fernando é mais novo, procurei explicar de maneira que ele entendesse o porquê do celular estar gravando suas falas e para que eu iria usar aquela entrevista. Foi mais complicado entrevistar o Fernando porque o único horário que eu tinha disponível era na hora do recreio. Então, levei o Fernando para um canto do pátio e o entrevistei. Apesar do barulho do recreio, consegui que ele se concentrasse para responder as questões e assim ocorreu a entrevista.

O terceiro aluno entrevistado, foi o Pedro. Ele tem 7 anos, estuda em uma escola pública do município de Niterói, onde cursa o 2º ano do Ensino Fundamental. Este aluno é filho da servente da escola onde eu trabalho. Expliquei a ela que eu estava concluindo a faculdade este ano e que precisaria fazer algumas entrevistas com alunos da rede pública para concluir a minha monografia, mas que estava com dificuldades de realizá-las. No mesmo instante, ela me falou que seu filho iria estar naquele dia na escola onde trabalhamos, então aproveitei e realizei a entrevista com ele na hora da saída, quando todos os alunos já haviam ido embora.

Por último, a Beatriz, que estuda em uma escola pública do município de São Gonçalo, situada no bairro do Boaçu, cursando o 4º Ano do Ensino Fundamental. Ela é vizinha da minha mãe e sempre está brincando na rua. Sempre converso com ela e pergunto como vai na escola. Sempre me relata sobre suas vivências na escola. Desta forma, achei que seria interessante entrevistá-la, visto que já conhecia parte de sua história na escola onde estuda. Fiz a entrevista com a Beatriz no mesmo dia da entrevista com a professora Vilma, realizada na casa da minha mãe.

Ela ficou muito alegre de tê-la convidado para ser entrevistada. E me relatou coisas surpreendentes sobre a escola onde estuda. Falou que muitos alunos são filhos de traficantes que moram no morro situado próximo à escola e têm uma certa regalia na escola pelos seus pais ameaçarem os professores e ninguém tomar nenhuma providência.

Os alunos e professores entrevistados foram selecionados a partir do único critério que tive: o de conhecer esses sujeitos e ter com eles certo grau de intimidade. Desta forma estes sujeitos, eu acreditava, poderiam contribuir positivamente para minha pesquisa. Eu tinha em mente que o relacionamento e a aproximação com os sujeitos da pesquisa mostravam que as entrevistas iriam ocorrer em um clima amigável, de confiança e

despreocupado. Sabemos que nem sempre isso ocorre. O fato de haver certo grau de intimidade entre entrevistador e entrevistado não garante que no momento da gravação haja um clima de confiança.

Para Zaia Brandão (2002), além da empatia e do engajamento mútuos entre pesquisador e sujeitos pesquisados, é importante ter ao mesmo tempo atenção ao objeto de pesquisa. Todos esses elementos fundamentais “para a condução do processo” (p.40) de entrevista precisam de:

Uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado, os encadeamentos, as indecisões, contradições, expressões e gestos. (Brandão, 2002, p.40)

Segundo Bernadeti Gatti (2002), cada palavra de um entrevistado tem que ser ponderada e “uma entrevista rica é aquela que o pesquisador consegue um diálogo real com o entrevistado, em que não predominam as respostas-chavão, que nada acrescentam”. (p.63)

Sabemos que tudo isso é difícil e nada garante que vá ocorrer. Assim, pesquisar é sempre uma aventura com certo grau de imprevisibilidade.

Com a conclusão das entrevistas feitas com as professoras e os alunos, comecei a transcrevê-la no computador. Um trabalho muito lento e complicado, pois o tempo que se gasta escutando e transcrevendo as entrevistas exatamente como aconteceram é muito precioso, tendo em vista o pouco tempo que tenho para concluir minha monografia. Os próximos capítulos irão revelar as falas dos sujeitos e suas concepções e experiências sobre a indisciplina a partir das entrevistas que realizei com os mesmos.

CAPÍTULO III

O QUE OS SUJEITOS PENSAM A RESPEITO DE INDISCIPLINA: EM BUSCA DE UM CONCEITO

*Ponte, um elo de ligação,
entre dois caminhos,
uma travessia da emoção,
uma passagem de carinhos.*

(Bernardino Matos, Fortaleza, 31/12/06)

Tentando ir de uma ponte a outra, ou seja, da fala dos estudantes à fala das professoras, fazendo, como diz a poesia acima “um elo de ligação”, é que trago agora o segundo caminho de minha pesquisa. Por este caminho, que podemos chamar de travessia, vou percorrendo as concepções de indisciplina que os sujeitos da escola possuem. Agora a ponte me leva para a fala das professoras. O que pensam sobre indisciplina? Como a entendem? O que estas concepções revelam?

Durante as entrevistas que fiz com as professoras, inicialmente, solicitei que estas definissem indisciplina. Praticamente todas as professoras entrevistadas consideraram ser uma pergunta difícil de ser respondida. Sabemos que definir indisciplina é algo difícil mas a intenção era vasculhar as concepções presentes nestes sujeitos. Para essa definição algumas professoras sentiram a necessidade de dizer também o que elas pensavam sobre a disciplina, estabelecendo então, uma relação, ou poderia dizer uma ponte, entre ambos os conceitos:

“O que é disciplina? A disciplina eu acho que é um hábito que a gente constrói com eles, um hábito de estudo, um hábito de como se comportar em determinados locais, e a indisciplina é a gente não conseguir isso. É quando por exemplo o aluno não respeita, debocha, ofende aqueles que estão ao seu redor. Acho que isso é indisciplina, porque querendo ou não existem ordens, existe a hierarquia na escola e em todo lugar e isso precisa ser respeitado para que as coisas funcionem bem”.
(Prof^ª Carla)

“É quando o aluno não tem organização nas tarefas e no dia-a-dia, não respeita, não cumpre com os seus compromissos, não sabe a hora certa de fazer suas tarefas e não está atento às novas oportunidades, arruma sempre um jeito de prejudicar o próximo. O aluno precisa saber a hora certa de fazer o dever e da brincadeira.”

(Prof^a Elaine)

“Os pais têm que educar os filhos, como se comportar nas diversas situações, na escola, no clube, na rua, onde quer que eles estejam. Tem criança que não atende às regras que são impostas e acabam agindo de forma indisciplinada. Não param quietas um segundo na sala e sentem a necessidade de estar falando o tempo todo.”

(Prof^a Roberta)

“A indisciplina se apresenta de diversas formas. É quando você tenta dar um auxílio ao seu aluno e ele não quer nem saber da sua orientação. Chega a ser até uma falta de respeito com a professora que quer ajudar e simplesmente o aluno diz que sabe se virar sozinho, que não precisa de ninguém e que não pediu ajuda nenhuma, sem contar na maneira como age e trata seus amigos dentro da sala de aula.”

(Prof^a Vilma)

Para a professora Carla, a indisciplina está relacionada a uma forma de se comportar, mas que precisa ser conduzida pela *reflexão* e pela *conscientização*. A indisciplina nesta fala é relacionada com a forma como o aluno trata as pessoas, de maneira desrespeitosa, ofensiva e debochada.

Já na fala da professora Elaine, a indisciplina é vista como uma forma mais rígida de controlar os alunos. Em seu depoimento, a professora diz que o aluno não sabe a hora certa de fazer suas tarefas e de brincar. Mas quando é a hora certa? Como criar esta hora? Essa é uma dificuldade encontrada por muitos professores, que acabam não se sentindo seguros e agindo de forma autoritária com seus alunos para tentar corrigir *certos desvios*.

Podemos perceber na fala da professora Roberta que a disciplina faz parte da educação que os pais oferecem para os seus filhos. Sendo assim, a disciplina recebida em casa colabora na construção das regras escolares.

A última professora entrevistada, a Vilma, relata diversas formas da ocorrência da indisciplina, relacionando-a à falta de respeito que alguns alunos tratam as pessoas e à uma recua por parte do aluno à orientação dada pelo professor, estando também ligada a um sentimento de “auto-suficiência”, ou seja, o aluno se julga independente, não aceitando desta forma, ajuda nem críticas.

Desses depoimentos me parece que uma questão se mostra central. As professoras acreditam que a disciplina é necessária para o desenvolvimento das aulas, mas essa disciplina não se caracteriza por um ordenamento e silêncio absolutos, mas sim por um contexto necessário de organização onde ao aluno cabe a vez e a voz na relação com a professora e com os colegas. Há uma necessidade de se estabelecer respeito mútuo dentro da sala e de se desenvolver a responsabilidade por parte dos alunos.

Segundo PEREIRA apud ESTRELA (1994. p.15), o termo disciplina tem, ao longo do tempo, assumido diferentes significações: punição, dor, instrumento de punição, direção moral, regra de conduta para fazer reinar a ordem, obediência às normas. Por outro lado, o termo indisciplina é definido como desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas.

PEREIRA apud DURKHEIM (1984: 251), "*a disciplina é a moral da classe, como a moral propriamente dita é disciplina do corpo social.*" A educação visa, nessa ótica, a inserção do indivíduo numa sociedade que se pretende ordenada e harmônica, daí a disciplina transformar-se em caráter educativo. A aprendizagem e a interiorização de regras prescritas socialmente fazem parte do cotidiano das práticas escolares.

A sala de aula não é somente o espaço privilegiado da prática pedagógica, mas também, o lugar de relações entre pessoas, objetos e símbolos. Assim, além de lugar de transmissão de saberes, a sala de aula, enquanto núcleo central das atividades escolares, é o local no qual se estabelece um processo contínuo de interações. Assim, as relações interpessoais que se estabelecem neste espaço necessitam de algumas regras de convivência. As regras desempenham o papel de criar condições de funcionamento harmonioso da classe. O professor é, dentro da sala de aula, o agente normativo que exerce essa função, por delegação social. Quando as regras não são cumpridas, surgem situações imprevisíveis de indisciplina e cabe ao professor fazer frente a elas e vencê-las. Para isso, ele desenvolve uma série de habilidades tais como: gestos, tom de voz, ameaças, castigos que o ajudam a vencer as barreiras da indisciplina. A aprendizagem e a interiorização de regras prescritas socialmente fazem parte do cotidiano das práticas escolares. É tarefa do professor, além de selecionar os conteúdos e os recursos didáticos para o ensino dos saberes escolares, ditar as normas e controlar o comportamento dos alunos para que as mesmas não sejam quebradas. Na verdade, no ambiente escolar, vigoram regras sociais e morais que constituem um

patrimônio cultural, geralmente reconhecido e aceito. O aluno, na medida em que internaliza os valores culturalmente impostos pela estrutura social, acaba por aceitar o poder do professor e reconhece o direito de lhe serem ditados comportamentos.

Abordando a disciplina na perspectiva das relações sociais, FOUCAULT considera que essas relações são fundamentalmente relações de poder e de resistência.

Segundo Foucault, na sociedade o corpo se encontra preso a limitações e a proibições, mas nem sempre esses limites e essas proibições impostos aos corpos são aceitos de maneira natural, ou seja, nem sempre são aceitos de forma amena, daí o surgimento de rebeliões, greves, indisciplinas, formas que o indivíduo se utiliza para negar a ordem imposta, formas de resistências ao poder que lhe é imposto.

O controle do corpo se dá detalhada e minuciosamente, acaba por exercer uma coerção e determinando gestos, atitudes e valores.

Entre todas as formas de dominação existentes, a disciplina não se compara a nenhuma, ela controla o corpo de várias maneiras, atuando sobre o espaço, o tempo, o modo de agir, o gesto e assim por diante.

Para melhor explicar como atua no corpo do indivíduo este poder disciplinar, terei como enfoque a escola, por ser um ambiente de transmissão do conhecimento, ela vigia, pune, lança recompensas, adentra e exerce um controle detalhado do espaço, do tempo e da mente do indivíduo.

A indisciplina em sala de aula e na escola tem sido uma das grandes preocupações de vários docentes. Ela acontece no corredor, no pátio, nas imediações da escola, nas festas e eventos da escola e na sala de aula principalmente. Ela se manifesta de diversas maneiras, através de conversas paralelas, de dispersão, o professor entra em sala e é como se não tivesse entrado, parece que nada interessa, os alunos fazem bagunça em sala quando não tem ninguém, escrevem nas carteiras e paredes, sentam-se de qualquer maneira nas cadeiras, brigam, querem ir toda hora ao banheiro, respondem ironicamente e etc. é claro que isso atrapalha e muito a aula e o educador, que na maioria das vezes, para evitar que isso ocorra, lança mão da disciplina repressora e controladora.

Para Foucault, a escola tem um papel fundamentalmente disciplinador e normalizador dentro da sociedade, pois pretende formar corpos obedientes e capazes de conviver segundo as normas sociais.

Para obter essa ordem, alguns educadores fazem uso de vários tipos de controles disciplinares, que exercem sobre os alunos um poder que visa evitar a formação de grupos confusos e rebeldes.

“ A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de quadros vivos que transformam multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (FOUCAULT pp.126-127)

Segundo o autor analisado, o sucesso do poder disciplinar se deve:

“ sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e a sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”
(FOUCAULT. p. 143)

Segundo Foucault, a vigilância hierárquica induz o efeito do poder e torna claro, em troca disto, o meio de coerção aplicado, ou seja, vigia-se para controlar e classificar os indivíduos com o objetivo de alcançar a correção dos desvios. Daí surgem os meios utilizados para que essa correção seja feita de maneira eficaz, como prisões, castigos, punições, etc...

O poder disciplinar é indiscreto, pois está em toda parte e em todo lugar, controlando tudo e todos.

A sanção normalizadora é um dos grandes instrumentos do poder disciplinar, junto com a vigilância hierárquica. Ela está presente na maioria das instituições, inclusive nas escolas, se manifestando como forma de controle, punição, castigo e gratificações.

Uma forma de controle minuciosa, ela pune tudo que esteja inadequado às regras, tudo o que se diferencia da norma, se utiliza do castigo como forma de penitência, como forma de redução de desvios.

A sanção normalizadora, além de enquadrar os indivíduos, os classifica de bons e maus, qualifica o comportamento e o desempenho a partir de valores do tipo certo e errado, bem e mal. Tenta corrigir e/ou eliminar os desvios, tanto para menos quanto para mais, enquadrando-os dentro da norma ou de modelos padronizados. Não considera as diferenças e as singularidades características do humano. A escola se apropriou desse sistema de

classificação, recompensando e punindo ao mesmo tempo. O aluno disciplinado é premiado de várias maneiras, com elogios do professor, boas notas, etc., enquanto o indisciplinado é punido, também de várias maneiras, com palavras, castigos, notas ruins, etc.

O exame é a combinação das técnicas disciplinares do olhar hierárquico com as da sanção normalizadora.

É através do exame que o indivíduo é observado e analisado detalhadamente, seu comportamento é comparado a outro. Segundo Foucault:

“o exame é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade.”(154)

No caso da escola, ele vai permitir que o professor transmita seu saber e, ao mesmo tempo, transforme o aluno em um caso a ser investigado; o exame dará condições do educador levantar um campo de conhecimentos bastante vasto sobre seus alunos e, simultaneamente, exercer um poder sobre os mesmos, um poder sutil, que controla os indivíduos, nomeando-os e classificando-os.

O exame tem a capacidade de transformar cada indivíduo num caso (relação saber-poder) e o educador, por ter através de exame um vasto campo de informações sobre os alunos, se utiliza disto para melhor controlar, vigiar e avaliar.

Na escola, o exame se evidencia mais fortemente no momento da avaliação. Ela pode fazer uso de uma avaliação injusta, onde o estigma e a rotulação estarão presentes na prática do professor, classificando de bons alunos os disciplinados e de maus alunos os indisciplinados.

Sem a disciplina controladora que promove a submissão do aluno, muitos professores não conseguem desenvolver suas aulas e o castigo é a solução para que a aula prossiga sem transtorno.

É freqüente, por exemplo, o fato do aluno não tomar decisões no dia-a-dia da escola. Já está internalizada, no próprio aluno, a idéia de que sua função em sala de aula é somente escutar, obedecer e ser julgado e jamais ter o direito a decisões e escolhas.

Cabe ao professor ter a consciência de tornar o ambiente escolar um lugar de troca de experiências, onde alunos e professores estão a todo instante em comunhão, estão a todo momento num processo de aprendizagem uns com os outros.

Partindo para a entrevista com os alunos para saber o conceito de indisciplina na visão dos mesmos, encontrei as seguintes falas:

“Acho que indisciplina é quando o aluno não para no lugar, conversa o tempo todo e responde a professora.”
(Aluna Thamires)

“Indisciplina é uma coisa que os alunos não têm. É ficar falando na aula e não obedecer.”
(Aluno Fernando)

“ Não respeitar os mais velhos, quebrar tudo. Quando bagunça, faz besteira, não obedece a mãe, o pai, o avô, a avó, a professora, todo mundo.”
(Aluno Pedro)

“ É falar que vai fazer algum mal à pessoa, que vai brigar, não vai respeitar. É tudo isso que o aluno faz pra bagunçar a aula. Quando ele não quer copiar e fala que não vai fazer. Responde todo mundo. Acha que ele manda nele.”
(Aluna Beatriz)

Observando os relatos dos alunos sobre o que pensam sobre o conceito de indisciplina, percebo que as falas se inter cruzam, pois têm-se como indisciplina um comportamento de falta de respeito, falar o tempo todo, não obedecer tanto professores quanto a família. Há uma grande dificuldade entre os professores de fazer com que os alunos percebam o sentido real de disciplina e indisciplina, pois ao meu ver, os alunos e professores estão com uma visão um pouco “ultrapassada” sobre indisciplina, tendo como referencial os dias atuais. Cabe ao professor manter frequentemente um diálogo com a turma e criar condições favoráveis para que este consiga dar as suas aulas sem que os alunos atrapalhem. Portanto, a concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diferenciadas conforme os objetivos que se quer direcionar seja para internalização ou para conscientização.

Isto significa dizer que aprender e ser disciplinado não é estar em atitude contemplativa ou absorvente, frente aos dados culturais da sociedade ou ficar sentado na cadeira sem falar nenhuma palavra, mas sim estar ativamente envolvido na interpretação e produção do que é falado e discutido dentro da sala de aula.

Segundo esta perspectiva é interessante citar Paulo Freire (1986) quando diz que nós professores em geral,

“reduzimos o ato de conhecer o crescimento existente a uma mera transferência deste conhecimento. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir conhecimento. Então, ele perde algumas das qualidades necessárias, indispensáveis, requeridas na produção do conhecimento, assim como no conhecer o conhecimento existente. Algumas destas qualidades são, por exemplo, a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação, a incerteza – todas estas virtudes indispensáveis ao sujeito cognoscente.”

Segundo Foucault, na sociedade o corpo se encontra preso a limitações e a proibições, mas nem sempre esses limites e essas proibições impostos aos corpos são aceitos de maneira natural, ou seja, nem sempre são aceitos de forma amena, daí o surgimento de rebeliões, greves, indisciplinas, formas que o indivíduo se utiliza para negar a ordem imposta, formas de resistências ao poder que lhe é imposto.

Entre todas as formas de dominação existentes, a disciplina não se compara a nenhuma, ela controla o corpo de várias maneiras, atuando sobre o espaço, o tempo, o modo de agir, o gesto e assim por diante.

Os processos disciplinares na visão do autor, existiam há muito tempo nos conventos, nos exércitos e também nas oficinas. Mas somente a partir dos séculos XVII e XVIII as disciplinas se tornaram fórmulas gerais de dominação.

A concepção que Foucault tem da disciplina é tomada no seu sentido controlador e dominador. Foucault tem uma visão crítica desta disciplina, que segundo ele, normaliza, pune, obriga, agride a mente e domina. O poder disciplinar, atuando sobre os corpos dos indivíduos, torna-os mais obedientes para melhor controlar e vigiar as possibilidades de desordem que venham surgir.

A escola, por ser um ambiente de transmissão do conhecimento, vigia, pune, lança recompensas, adentra e exerce um controle detalhado do espaço, do tempo e da mente do indivíduo. A indisciplina em sala de aula e na escola tem sido uma das grandes preocupações de vários docentes. Ela acontece no corredor, no pátio, nas imediações da escola, nas festas e eventos da escola e na sala de aula principalmente. Ela se manifesta de diversas maneiras, através de conversas paralelas, de dispersão, o professor entra em sala e é como se não tivesse entrado, parece que nada interessa, os alunos fazem bagunça em sala quando não tem ninguém, escrevem nas carteiras e paredes, sentam-se de qualquer maneira nas cadeiras, brigam, querem ir toda hora ao banheiro, respondem ironicamente e etc. é claro que isso atrapalha e muito a aula e o educador, que na maioria das vezes, para evitar que isso ocorra, lança mão da disciplina repressora e controladora.

Para Foucault, a escola tem um papel fundamentalmente disciplinador e normalizador dentro da sociedade, pois pretende formar corpos obedientes e capazes de conviver segundo as normas sociais.

Para obter essa ordem, alguns educadores fazem uso de vários tipos de controles disciplinares, que exercem sobre os alunos um poder que visa evitar a formação de grupos confusos e rebeldes.

“ A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de quadros vivos que transformam multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (FOUCAULT, pp. 126-127)

A construção de quadros vivos, segundo Foucault, organiza o múltiplo, controla multidões confusas. Este cenário se encontra nas escolas, especificamente na sala de aula, onde o professor intimida os alunos com a sua presença e ao sair da sala, os alunos sentem-se livres da vigilância e do controle, levantando-se de suas cadeiras e aparentando, com isso, uma multiplicidade desorganizada.

Segundo o autor analisado, o sucesso do poder disciplinar se deve:

“ sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e a sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (p. 143)

Segundo Foucault, a vigilância hierárquica induz o efeito do poder e torna claro, em troca disto, o meio de coerção aplicado, ou seja, vigia-se para controlar e classificar os indivíduos com o objetivo de alcançar a correção dos desvios. Daí surgem os meios utilizados para que essa correção seja feita de maneira eficaz, como prisões, castigos, punições, etc...

O poder disciplinar é indiscreto, pois está em toda parte e em todo lugar, controlando tudo e todos.

Assim era o Panóptico de Bentham, um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre ao centro. Este anel era dividido em pequenas celas, que davam tanto para o interior quanto para o exterior, a torre central seria ocupada por um vigilante capaz de observar todos, e esse mesmo vigilante, além de ter a visão de todos detalhadamente, não seria visto por ninguém:

“Uma máquina de dissociar o par ver/ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto.” (p. 167)

O modelo Panóptico foi criado pelo jurista inglês Jeremy Bentham, durante o século XIX, e tinha como objetivo controlar as massas humanas e enquadrá-las dentro das normas da sociedade, através da instituição prisão. Segundo Bentham, esse poder que o Panóptico exercia sobre o indivíduo deveria ser visível e inverificável, ao mesmo tempo:

“Visível(...) o detento terá diante dos seus olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado, mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo.” (p. 167)

Para Foucault, embora o modelo arquitetônico do Panóptico não tenha se difundido pelas instituições disciplinares, tais como escolas, quartéis, hospitais, asilos, dentre outras, ficando restrito a algumas prisões, o espírito de controles subjacentes a ele, este sim, difundiu-se amplamente pelas instituições disciplinares.

Nesse sentido, o poder disciplinar, característico do esquema Panóptico, não precisa recorrer à força para obrigar os homens ao bom comportamento. Nas escolas, às vezes, um

simples olhar do professor já serve para mostrar ao aluno o que é certo e o que é errado. O aluno acaba obedecendo, mesmo sem que seja dita uma só palavra, pois todos sabem que é o professor quem detém o poder em sala de aula.

O aluno acaba internalizando esse sistema de controle e acaba sofrendo o “efeito Panóptico”, que segundo Foucault:

“Induz no detento um estado consciente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”(p . 166)

Um inspetor, por exemplo, pode surgir sem avisar e com um simples olhar exercer a vigilância hierárquica sobre os alunos. Ele terá uma visão ampla do espaço observado e irá corrigir os atos de indisciplina, reprimindo-os.

A sanção normalizadora é um dos grandes instrumentos do poder disciplinar, junto com a vigilância hierárquica. Ela está presente na maioria das instituições, inclusive nas escolas, se manifestando como forma de controle, punição, castigo e gratificações.

Uma forma de controle minuciosa, ela pune tudo que esteja inadequado às regras, tudo o que se diferencia da norma, se utiliza do castigo como forma de penitência, como forma de redução de desvios.

A sanção normalizadora, além de enquadrar os indivíduos, os classifica de bons e maus, qualifica o comportamento e o desempenho a partir de valores do tipo certo e errado, bem e mal. Tenta corrigir e/ou eliminar os desvios, tanto para menos quanto para mais, enquadrando-os dentro da norma ou de modelos padronizados. Não considera as diferenças e as singularidades características do humano. A escola se apropriou desse sistema de classificação, recompensando e punindo ao mesmo tempo. O aluno disciplinado é premiado de várias maneiras, com elogios do professor, boas notas, etc., enquanto o indisciplinado é punido, também de várias maneiras, com palavras, castigos, notas ruins, etc.

O exame é a combinação das técnicas disciplinares do olhar hierárquico com as da sanção normalizadora.

È através do exame que o indivíduo é observado e analisado detalhadamente, seu comportamento é comparado a outro. Segundo Foucault:

“o exame é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade.”(p. 154)

No caso da escola, ele vai permitir que o professor transmita seu saber e, ao mesmo tempo, transforme o aluno em um caso a ser investigado; o exame dará condições do educador levantar um campo de conhecimentos bastante vasto sobre seus alunos e, simultaneamente, exercer um poder sobre os mesmos, um poder sutil, que controla os indivíduos, nomeando-os e classificando-os.

O exame tem a capacidade de transformar cada indivíduo num caso (relação saber-poder) e o educador, por ter através de exame um vasto campo de informações sobre os alunos, se utiliza disto para melhor controlar, vigiar e avaliar.

Na escola, o exame se evidencia mais fortemente no momento da avaliação. Ela pode fazer uso de uma avaliação injusta, onde o estigma e a rotulação estarão presentes na prática do professor, classificando de bons alunos os disciplinados e de maus alunos os indisciplinados.

Sem a disciplina controladora que promove a submissão do aluno, muitos professores não conseguem desenvolver suas aulas e o castigo é a solução para que a aula prossiga sem transtorno.

É freqüente, por exemplo, o fato do aluno não tomar decisões no dia-a-dia da escola. Já está internalizada, no próprio aluno, a idéia de que sua função em sala de aula é somente escutar, obedecer e ser julgado e jamais ter o direito a decisões e escolhas.

Cabe ao professor ter a consciência de tornar o ambiente escolar um lugar de troca de experiências, onde alunos e professores estão a todo instante em comunhão, estão a todo momento num processo de aprendizagem uns com os outros.

Segundo o psicólogo Lino de Macedo,

“Disciplina se aprende e é interesse de todo mundo, porque facilita a relação da gente com as coisas”. (Revista Nova Escola p.24 edição 183)

O que mais nós ouvimos é que criança não tem limites, porém pouco se observa que nós, adultos, também não o temos. E em uma sociedade como a nossa que um dia se almoça de manhã, outro dia de tarde, e no outro enquanto se fala ao celular, percebe-se que essas atitudes são referência para as crianças. Entendemos que para muitas pessoas a regularidade se tornou impossível, e com isso cobramos das crianças um comportamento regular como se fosse uma coisa natural.

Em sua origem, a palavra disciplina tem a ver com discípulo, pessoa que tem alguém como modelo e se entrega pelo valor que atribui a essa pessoa. Com o tempo, perdeu-se o elemento de referência que havia antigamente.

Entende-se que uma pessoa disciplinada é aquela que possui um comportamento subordinado a regras. Mas o que é regra?

Ao definir regra, MACEDO tem a seguinte opinião:

Regra é algo que se constrói por consentimento. É como em um jogo. As regras são arbitrarias, mas a criança aceita porque gosta de jogar. Sem regra, não há jogo.(revista Nova Escola, Edição 183, p.25).

Assim precisa acontecer na escola, o professor deve agir democraticamente, dando oportunidade da classe discutir e colocar suas opiniões, sob a condição de que todos aceitem o que a maioria decidir.

CAPÍTULO IV

AS CAUSAS DA INDISCIPLINA SEGUNDO OS DIFERENTES SUJEITOS

*Ponte, uma ligação entre o presente,
e o eterno, que une o agora,
ao amanhã e certamente,
nos faz lembrar do outrora.
(Bernardino Matos, Fortaleza,
31/12/06)*

Com relação aos motivos que levam aos comportamentos indisciplinados, nenhuma das professoras entrevistadas os atribuiu a apenas uma razão, mostraram, sim, entender a indisciplina como consequência de uma conjugação de determinantes. Há de se perceber nas respostas uma relação entre fatores familiares, sociais, individuais e escolares.

Quando pergunto às professoras quais são as causas da indisciplina, tenho como resposta os seguintes depoimentos:

“Quando eles não estão bem emocionalmente isso é um grande motivo para acontecer a indisciplina, problemas neurológicos, e tudo isso se encadeia no problema cognitivo, e o problema cognitivo gera a indisciplina. Acho que todos envolvidos no processo de desenvolvimento do aluno são responsáveis pela disciplina, os pais, os professores, a escola.. Muitas das vezes precisamos contar com o apoio dos pais e se estes não estiverem comprometidos com a educação de seus filhos, tudo irá caminhar lentamente, mais se os pais estiverem envolvidos nesse processo, com certeza todos serão beneficiados com esta relação.”

(Prof^a Carla)

“Talvez uma das causas pela indisciplina de alguns alunos é a criação que eles recebem em casa. As crianças transparecem muito aquilo que elas vivem em casa. Mas também não só a criação, muitos professores são os causadores da indisciplina dos alunos, por às vezes não compreender o aluno, sempre tratá-lo sem paciência, ou até mesmo agredi-lo com palavras.”

(Prof^a Elaine)

“Pra mim, muitas coisas influenciam na disciplina da criança. Quando o ambiente escolar não é interessante ou a aula se torna monótona, a criança acaba se desinteressando da aula e prejudica a turma com certos tipos de comportamentos. Nem sempre aquilo que a gente está trabalhando interessa ao aluno. Então eu tenho que buscar outras formas. A influência da televisão também é outra coisa que influencia, os desenhos que os alunos vêem e principalmente o ambiente familiar que este aluno está inserido, pois se a família não cobra, a criança se acha no direito de fazer na escola o que ela faz em casa. Então eu acho isso tudo muito complicado.”

(Prof^ª Roberta)

“No meu dia-a-dia, encontro alunos muito difíceis de lidar, tenho alunos que me respondem mal, tenho alunos que xingam uns aos outros, tenho aluno que fala extremamente alto, parece que ele vive num ambiente assim, de se falar muito alto, tenho aluno que discute o tempo todo com o outro e bate por qualquer motivo. Então, observo que a maneira que eles se comportam em outros lugares, influencia na maneira que eles vão se comportar na escola. Falta muito respeito com o professor, com o colega, a maioria faz valer o seu desejo, não quer saber se vai ofender ou magoar alguém para conseguir o que ele quer.”

(Prof^ª Vilma)

As mudanças sócio-econômicas no país de fato têm contribuído para as mudanças nas relações sociais, e conseqüentemente, nas relações familiares, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, que de certa forma acabou gerando a necessidade de uma reorganização dos laços e papéis familiares. A escola e os professores se queixam que agora, além de ensinar aos alunos os conteúdos escolares, eles ainda têm que dar a educação que a família não tem dado. Mas será que esse fator justifica os casos de indisciplina enfrentados pela escola?

Essa nova configuração nas relações sociais e familiares se junta a um quadro que parece crescente de violência familiar. Aparece muito nas falas das professoras que as crianças parecem reproduzir os comportamentos que elas observam na família, das relações agressivas estabelecidas entre os entes familiares. Falar alto, gritar com o outro, ameaçar e até agredir o outro são atos, segundo as entrevistadas, que os alunos trazem de casa para a escola. Algumas falas das professoras podem mostrar isto. Foi muito recorrente entre as professoras julgar como fator principal da indisciplina dos alunos, o ambiente familiar e social no qual os alunos estão inseridos. O aluno traz para a escola aquilo que vive em seu cotidiano, reproduzindo os comportamentos, os valores e as atitudes que ele vivencia e que observa nos exemplos dos colegas de bairro, dos vizinhos e da

própria família. Merece destaque o fato de professor aparecer direta ou indiretamente enquanto contribuidor para indisciplina. Vale destacar também que as próprias professoras não excluem as suas responsabilidades nesse processo. Ou seja, dizendo que o professor não dá aula de maneira clara, que não cobra, que não é interativo, que muitas vezes quer se impor, seja colocando a indisciplina como conseqüência de aulas desinteressantes ou dos rótulos que as crianças carregam, o professor também aparece como causa de comportamentos indisciplinados.

Quanto aos alunos, ao serem perguntados sobre “Quem é o responsável pela indisciplina dos alunos? De quem é a culpa?”, se expressaram de uma forma muito clara, com absoluta certeza do que estavam falando:

“ Lá na sala quem é o culpado são os pais que deixam a criança fazer o que quer. Às vezes eles enfrentam a professora dizendo que os pais deles pagam escola então ela tem que fazer o que eles querem.”

(Aluna Thamires)

“ Eu acho que a família que não dá educação para eles. Eu acho que os pais devem conversar com os filhos para ver se eles melhoram. Tem muita criança que até não obedece os pais, não é só na escola. Eu conheço um menino de lá de perto da minha casa que ele fica às vezes com a avó e ele bate na avó, xinga ela. E a mãe dele não faz nada . Esse menino vê também a mãe dele xingando a avó e xinga também.”

(Aluno Fernando)

“ A tia que não briga forte com eles. A tia tem que brigar mais e botar mais de castigo pra eles melhorarem.”

(Aluno Pedro)

“ Com certeza a culpa é dos pais deles que ficam andando com arma e deixa eles soltos fazendo o que querem. Eles xingam todo mundo, batem, não respeitam e se acham os donos do mundo. Esses meninos deviam receber um castigo muito grande pelas coisas que fazem, mas eu acho que a professora tem medo dos pai deles, aí eles ficam assim”

(Aluna Beatriz)

Na análise dessas falas, podemos verificar que os maiores culpados da indisciplina dos alunos na escola segundo esses alunos entrevistados são os pais, que não dão educação, não dão limites, deixando seus filhos fazerem o que querem. Aparece nitidamente na fala da aluna Beatriz e do Fernando que esses alunos parecem reproduzir na escola os comportamentos de seus pais em casa.

Somente o Pedro e a Beatriz trouxeram como culpados os professores que na maioria das vezes deixam o aluno fazer o que quer por medo ou receio do que pode vir a acontecer com ela, ou quem sabe por falta de imposição frente aos alunos.

Deste modo, mais uma vez a indisciplina não aparece como resultado de apenas um condicionante na visão dos alunos. Ela aparece por dois motivos, a culpa sendo dos pais que não educam seus filhos de maneira adequada para se relacionarem na escola e pela falta de controle ou de imposição da professora que deixa seus alunos a vontade para fazerem o que lhes convém.

Nas últimas décadas, a escola vem assumindo praticamente sozinha um papel que, em princípio, não deveria ser só seu: o de educar seus alunos para a cidadania. Essa carga foi sendo despejada sobre a instituição por uma série de motivos. A sociedade mudou, valores éticos se transformaram e muitos pais ficaram inseguros com relação à formação dos filhos. Os pais de hoje trabalham mais e passam menos tempo com os filhos. A mãe, que antes ficava em casa e transmitia valores morais, agora trabalha fora e, em muitos dos casos, é arrimo de família. Quando chegam do trabalho, ambos estão cheios de culpa pela ausência e, para minimizar esse sentimento, tornam-se muito permissivos, deixam de estabelecer limites e de ensinar o que é certo e errado. Não é o caso de os professores abrirem mão dessa responsabilidade e jogarem a culpa nas famílias, mas é preciso encontrar um ponto de equilíbrio.

Pais e professores devem agir em conjunto. A própria escola tem de mostrar coesão e transparência e trabalhar em equipe. A escola deve revitalizar a confiança da família no seu papel de formadora e trazê-la cada vez mais para dentro da instituição. Quando os pais passaram a se sentir inseguros e culpados por não estar tão próximos dos filhos, a escola tentou ocupar esse espaço. Mas ela não tem condições de fazer bem as duas coisas. Os conteúdos estão mudando muito rapidamente. O professor precisa se reciclar, tem responsabilidades profissionais e não pode arcar com tarefas que são prioritariamente da

família. Ao levar os pais a participar de encontros, palestras, reuniões e troca de experiências com outros pais, eles saem fortalecidos e sentem que não estão sozinhos nessa luta.

Porém, quando a culpa dos comportamentos indisciplinados dos alunos é do professor, cabe a este refletir sobre como está encaminhando suas aulas.

A solução começa pela boa formação do professor, que precisa dominar muito bem os conteúdos, ter bom relacionamento com os alunos, muita didática e autoridade com eles, mas ser afetuoso e respeitoso. Dessa forma, ele será querido e respeitado. O importante é fazer o aluno perceber as conseqüências dos seus atos. Se picha uma parede, deve pintá-la. Se quebra uma carteira, deve consertá-la. Essas sanções, porém, necessitam do apoio da família e têm de estar claras para todos os envolvidos, desde o início das aulas.

CAPÍTULO V

AS TÁTICAS E ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM A INDISCIPLINA

Para discutir o conceito de tática e estratégia, recorri ao autor Michel de Certeau que diz:

“Chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.)” (p. 99)

Tendo em vista as estratégias para lidar com o aluno mediante situações de indisciplina, o professor cria condições favoráveis à sua prática dentro da sala de aula para amenizar determinadas situações.

Articulada com a estratégia, a tática para lidar com a indisciplina aparece para exercer uma função sobre o outro.

“Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (p.100)

Neste caso fica explícito que a tática é determinada pela ausência de poder, já a estratégia é organizada pelo postulado de um poder. Ao verificar a diferença entre estratégia e tática, há de se constatar que,

“ As estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem.” (p.102)

“As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um golpe, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos” (p.102)

No entanto por parte das professoras analisadas, verifica-se que há uma maior utilização das estratégias do que das táticas, tendo em vista que a primeira obtêm-se a partir da coerção e do uso de poder e a segunda aponta para uma utilização do tempo mediante a organização do espaço à uma situação favorável.

Ao perguntar as professoras sobre as estratégias usadas para lidar com a indisciplina, se é utilizado algum tipo de castigo e se essas estratégias funcionam, obtive como principal estratégia utilizada para o enfrentamento da indisciplina a conversa. Todas as professoras disseram que quando se deparam com alguma situação de indisciplina procuram conversar com a turma e com os alunos envolvidos.

“Olha, eu procuro perceber o fator que está gerando essa indisciplina, procuro questionar os responsáveis. Eu aprendi uma coisa com a minha professora num curso que eu fiz de psicomotricidade que nada melhor do que uma forma amorosa e carinhosa de você conseguir dobrar o aluno e muitas das vezes a forma indisciplinada do aluno agir dentro da sala de aula é também pela forma como a professora age com ele, porque toda ação tem uma reação. E eu percebo que desta forma a atenção deles é muito melhor, eles olham dentro dos meus olhos e conseguem entender o que eu estou falando com eles, e começam a agir de outra forma, às vezes mesmo não conseguindo, eles sabem que precisam agir da outra forma, eles pedem desculpas e falam que não vão voltar a fazer.”
(Prof^a Carla)

“Não sou adepta ao castigo, no máximo suspendo o recreio ou a educação física, que é o que eles mais gostam. Prefiro conversar e fazer o aluno perceber o quanto está perdendo se comportando de maneira indesejável. Quando a conversa não dá certo, converso com os pais e coloco para eles toda a situação, pedindo também ajuda em casa. Geralmente a resposta é positiva.”
(Prof^a Elaine)

“Quando há problemas, procuro incentivá-los a resolverem, mas às vezes isso não dá certo, então eu tenho que chamar a atenção deles usando como estratégia a hora da saída ou a perda de algum privilégio (brincar com massinha, com os jogos, etc) Vejo que às vezes funciona, eles ficam furiosos e obedecem, mas no outro dia, tenho que falar tudo de novo, porque eles acabam cometendo os mesmos erros.”
(Prof^a Roberta)

“Não uso o castigo e sim uma espécie de repreensão. Quando o aluno não se comporta direito em sala de aula, converso com eles e falo que se acontecer novamente irão ficar sem o recreio ou então digo que mandarei um bilhete para a mãe. Raramente eu tomo uma atitude de mandar para a secretaria, coordenação ou escrever um bilhete. Mas quando eles percebem que eu não faço isso, logo eles pensam: Ah, nunca acontece nada comigo mesmo! Então a gente tem que saber a hora certa de repreender o aluno.”
(Prof^a Vilma)

Intrigada com a fala da professora Vilma em dizer que não utiliza de castigo e sim de repreensão, recorri ao dicionário Aurélio para diferenciar castigo e repreensão e obtive a seguinte resposta:

Castigo: Pena que se inflige a um culpado; punção; repreensão; mortificação. (p. 108)

Repreensão: Ato ou efeito de repreender; censura, reprimenda, reprovação, sarabanda, sermão, chamada, pito. (p. 474)

Portanto, pude concluir que castigo e repreensão possuem o mesmo significado. As professoras entrevistadas dizem não utilizar de castigo, mas esta regra só existe na teoria, pois na prática o castigo também se faz presente no modo autoritário, na chantagem, nas ameaças, e punições utilizadas pelas professoras.

O comportamento dos alunos diante de castigos não surpreende a ninguém, uns procuram consertar o erro, outros não demonstram reação alguma. Em outros casos, o castigo às vezes é até humilhante, só reforça o mau comportamento.

É muito comum a criança ser punida e não saber o porquê, o motivo pode estar muito claro para o professor, mas se não estiver para a criança, não haverá efeito educativo algum, só despertará a revolta e contribuirá para a indisciplina na sala de aula.

Se as punições surtissem efeito, com certeza, nas aulas seguintes ao castigo, a turma não iria continuar tumultuando a aula. A repreensão, no dia seguinte, é esquecida, não tem significado algum para os alunos que sofrem a penalidade. Pude constatar isso na fala da professora Roberta dizendo que quando chama a atenção dos alunos eles obedecem, mas no outro dia, tem que falar novamente, pois os alunos repetem as mesmas coisas.

A conversa é sem dúvida o primeiro caminho para o enfrentamento da indisciplina em sala de aula. O ensinamento de valor também é um caminho para lidar com essas questões em sala de aula. O trabalho com valores na escola é de fundamental importância, uma vez que discutir solidariedade, respeito união e amor ao próximo com os alunos ajuda a construir um outro tipo de sociedade.

Em relação aos alunos, quando perguntados sobre o que a professora fazia para solucionar os problemas de indisciplina, praticamente todos os alunos tiveram respostas semelhantes.

“Quando os alunos não se comportam a professora primeiro chama a atenção, depois se o aluno não parar, ela deixa dez minutos sem recreio. E se ele continuar ela manda um bilhete para os pais na agenda. Todo dia alguém fica sem recreio lá na sala. A professora às vezes não agüenta, porque é sempre os mesmos alunos. Ela briga, deixa de castigo e eles não melhoram.”

(Aluna Thamires)

“A tia às vezes deixa sem educação física na sala quando não faz o dever de casa, ou então chama a coordenadora para ir lá na sala brigar com a turma quando eles estão falando muito, mas isso só é às vezes. Aí as crianças ficam quietinhas.”

(Aluno Fernando)

“A tia manda ele pedir desculpa quando ele bate e bota ele de castigo do lado dela sem brincar, ou dá uma cópia bem grande pra ficar fazendo no recreio e todo mundo brinca menos ele.”

(Aluno Pedro)

“A professora briga muito com eles mas não adianta porque eles respondem, aí eles fazem tudo de novo. Quando eles ficam saindo da sala, ela vai atrás deles e diz que se eles não respeitarem ela vai chamar os pais na escola ou vai dar suspensão. E eles dizem que pode fazer isso, porque os pais não vão fazer nada e que os pais deles são perigosos. Aí a professora deixa eles pra lá.”
(Aluna Beatriz)

Ao escutar o relato da aluna Beatriz, fiquei espantada com a atitude da professora que acaba cedendo às vontades desses alunos por causa das ameaças que sofre por eles mesmos. Os alunos no qual a Beatriz relatou, são moradores de um morro próximo à escola no município de São Gonçalo, e seus pais são traficantes e causam um certo medo em todos da escola. Por essa razão, seus filhos, um da mesma sala que a Beatriz e outro do 2º ano, têm uma certa regalia na escola, podendo assim fazer o que bem entendem.

Mais uma vez, podemos ver que as condições adversas inerentes a criminalidade e violência do cotidiano social e familiar que estas crianças estão inseridas influenciam na vida escolar desses alunos que levam diversos desses hábitos para escola.

Um outro fato interessante é quando o aluno Fernando que estuda numa escola particular de Niterói diz que algumas vezes é preciso que a professora chame a coordenadora para acalmar os alunos. Ou seja, há uma necessidade de um outro funcionário da escola, tido como uma autoridade maior do que a professora, resolva problemas disciplinares da turma, onde é perceptível que sozinha a professora não consegue manter a ordem dentro da sala.

O castigo é tido como principal estratégia utilizada pelas professoras dos alunos entrevistados para manter a disciplina na sala, seja na forma de se tirar o recreio, a educação física ou de mandar bilhetes para o responsável.

Podemos pensar em alternativa para esses castigos? De que outras formas poderíamos lidar com essa questão? Recentemente em leitura na Revista Nova Escola, tive a oportunidade de encontrar algumas sugestões para professores. Será que estas sugestões, se seguidas, transformariam a idéia do castigo como forma de disciplinarização? Na Revista Nova Escola encontramos:

O que fazer em classe na hora da bagunça

- Não grite. Se o barulho se sobrepõe à sua voz, espere em silêncio: a turma vai perceber que isto está prejudicando a aula.

- Recorra aos contratos. Se as regras coletivas são claras e todos estiverem de acordo, fica mais fácil chamar a atenção quando ocorre uma transgressão.
- Seja coerente com o que pede aos alunos. Não adianta cobrar pontualidade se você chega atrasado.
- Não considere a indisciplina um ataque pessoal. Não aceite provocações para não reforçar comportamentos indesejados.
- Seja enérgico quando necessário sem perder o afeto. Faltas graves merecem atitudes firmes. O diálogo e a reflexão não eliminam a sanção prevista.
- Não desanime. A assimilação da disciplina é um processo gradativo e exige investimento. Você terá que repetir o discurso para o mesmo aluno várias vezes.

(*Revista Nova Escola, edição 183, p. 490*)

Para Luiz Carlos de Menezes, físico e educador da Universidade de São Paulo:

“O caminho é a elaboração de um código de conduta por e para todos: professores, funcionários, alunos e responsáveis. E não se surpreenda se isso melhorar o desempenho escolar como um todo, e não só no que diz respeito à disciplina. Pois a disciplina pessoal não é somente meio, mas também resultado da Educação. E a indisciplina não é somente obstáculo ao aprendizado, mas também a falta de aprendizado”(*Revista Nova Escola, edição 209, p.90*)

Tendo em vista os relatos na qual escutei, percebo que o conceito de disciplina associado à obediência está muito presente no cotidiano da escola, isto porque há uma verdadeira luta de classe, onde o professor procura sobreviver num contexto de tantos desgastes.

Penso que a disciplina deva ser conduzida sem castigas, ameaças e punições. Deste modo, o significado da disciplina vai ter sentido para o aluno.

Segundo Celso Vasconcellos, em seu livro *Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula*, a disciplina deveria ser entendida como:

“O processo de construção da auto regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo”(p.42)

Assim, a disciplina construída coletivamente deixa de ser uma ficção e transforma-se em realidade, realidade esta atingível, necessária e fundamental, envolvendo não somente o aluno, mas todos os membros da escola, de forma democrática. Desta forma, à medida que as situações vão acontecendo em sala de aula, as dificuldades e as diferenças vão surgindo, o professor deve ir construindo com os alunos, aos poucos, um contrato claro e objetivo que auxilie e que seja um documento construído com a participação de todos.

CAPÍTULO VI

ENTRE RELATOS DE INDISCIPLINA E CRITÉRIOS PARA SER UM BOM ALUNO

“Caminhar, seguir, avançar
buscar, conhecer, sondar
saltar obstáculos, muros
e todas as pontes, alcançar
Pontes que unem, dão seqüência não
permitindo a estrada interromper
caminho sem interferência
rumo certo do saber viver”.

PONTES
Célia Jardim

Percebendo a ocorrência de indisciplina em todas as entrevistas feitas com estas professoras, pedi que elas me relatassem alguns casos de indisciplina que tivessem ocorrido em suas salas de aula ou com outra pessoa que lhes chamou a atenção.

“Eu até tenho os meus relatos, mais uma coisa que muito me chamou atenção na fala desta professora de psicomotricidade que um dia seus alunos estavam saindo da sala para fazer uma atividade no pátio e um aluno com uma idade mais avançada mandou que ela fosse a merda na frente de todos os alunos, e todo mundo parou e ficou pensativo assim: nossa, o que que ela vai fazer agora? E ela foi em direção a ele, o abraçou e falou baixinho no ouvido dele: Você me deve pedido de desculpas. Ele ficou todo constrangido, porque não sabia como lidar com a situação e ao mesmo tempo percebeu que ela não era uma professora autoritária e começou a agir de outra forma e pediu desculpas na frente de todo mundo.”

(Prof^ª Carla)

“Quando eu era recém formada, fui dar aula numa escola particular de São Gonçalo, a turma tinha 28 alunos e um aluno em especial era muito agressivo, tinha um temperamento extremamente alterado, e certo dia ele se alterou e começou a levantar a cadeira e jogar ela pra cima, os outros alunos ficaram chocados com esta atitude, e eu mais ainda, pois não sabia o que fazer. Quando fui chamar a atenção deste aluno, simplesmente ele falou que eu não era nada dele para lhe chamar a atenção e saiu correndo e gritando pela escola que queria morrer. Voltou pra sala e levantou novamente a cadeira jogando ela para cima. Eu chamei ele lá fora. Pedi que uma outra professora olhasse a minha turma, esperei ele se acalmar e conversei com ele, perguntei os motivos que ele estava fazendo aquelas coisas ele me respondeu que não agüentava

mais a vida que estava levando, porque seus pais brigam o tempo todo dentro de casa e quando chega na escola ninguém dá atenção pra ele. Na mesma hora eu fiquei comovida e tive um outro tratamento com este aluno, que antes era repressor, passou a ser de mais carinho e atenção, porque eu vi que aquele aluno precisava era disso.”
(Prof^a Elaine)

“Um outro dia, duas alunas começaram a discutir na hora do recreio e no momento que eu ia falar com as duas para pararem, elas começaram a se atracar e uma arranhou a outra. Chamei as duas para conversar e comuniquei com os responsáveis o acontecido. Depois desse dia, todos os dias tinha um história de briga na minha turma, um quis enfiar o lápis no outro porque ele não emprestou a borracha, outro cuspiu no rosto da outra professora porque ela foi chamar a atenção dele porque estava escrevendo na cadeira. Então eles implicam muito uns com os outros, por tudo querem bater, não têm paciência de resolver as coisas na conversa, são muito difíceis de controlar. Eu já avisei a turma se continuar desse jeito, não terão mais aula de educação física que é o que eles mais gostam e vou cortar o recreio, porque eles não sabem conviver com os colegas. Eu acho isso uma falta de respeito.”
(Prof^a Roberta)

“Já aconteceu de aluno me xingar, porque em escola pública a gente vê muito isso né? Os alunos não tem respeito pelos professores e nem com os outros colegas. O que mais acontece é aluno andando para lá e pra cá, fazendo o que quer, agredindo o outro, agredindo o professor, quando o professor pergunta o motivo que o aluno não fez o dever, eles respondem, dizem que não é da nossa conta, e que não adianta a gente fazer nada. Se a gente pede para não fazer certas coisas, eles perguntam quem somos nós pra dizer o que eles tem que fazer. Então temos que saber lidar com essa situação. Tem horas que eu perco a paciência e largo de mão. Sei que eu estou errada de fazer isso, mas o que que eu posso fazer se os alunos me ameaçam?”
(Prof^a Vilma)

Como visto, a indisciplina está relacionada, basicamente, à inquietação em sala de aula, além de parecer mais uma vez o desrespeito ao professor. Nas histórias aparecem o xingamento, a falação dos alunos concomitante à fala da professora, a agressão, as

implicâncias e provocações entre si. A movimentação dos alunos em sala de aula extrapola os limites da normalidade, pois atrapalha o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, uma vez que a professora não consegue dar aula. As histórias desta forma, revelam que na perspectiva das pessoas entrevistadas a indisciplina está relacionada a questões corriqueiras, das relações entre alunos no dia-a-dia. Tais questões são consideradas fazer parte da rotina das salas de aula, embora não se justifiquem por si mesmas. Podemos entender que os alunos vivem também na escola uma aprendizagem sobre relações e comportamentos sociais nos espaços públicos. Esses precisam compreender e aprender os limites e as possibilidades de ação nessas interações que muitas vezes são diferentes dos comportamentos e relações nos espaços privados, como a família. Porém, existem casos que ultrapassam a disciplina “trivial”, que vão se caracterizar pelo desrespeito, chegando, muitas vezes, à violência física e moral.

Continuando com as entrevistas, propus que os alunos me contassem se existia algum aluno indisciplinado em suas salas ou em outras salas e que me relatassem o que esse aluno faz. Fiz esse tipo de pergunta para perceber o que os alunos entendem por indisciplina dentro de uma sala de aula.

“Ah! Na minha sala tem dois meninos que todos os dias respondem a professora, implicam com os outros alunos, jogam lixo no chão, derrubam qualquer coisa, não pedem desculpas e falam o tempo todo. Nem se preocupa com o que a professora vai fazer. Teve um dia que um desses garotos entornou o lixo da lixeira no chão e disse que não ia catar porque o pai dele paga a escola e ninguém ia obrigar ele. São essas coisas.”

(Aluna Thamires)

“Na minha sala não, mas nas outras turmas tem. Eu vejo na hora do recreio eles gritando e brigando. Eles fazem isso porque eles tem raiva um do outro. Já vi também ele falando pra tia que não ia fazer o dever que era muito chato.”

(Aluno Fernando)

“Tem, tem muitos. Quando tá na hora da cópia o aluno não quer fazer, a tia manda ele fazer e ele responde ela, ou então no recreio fica implicando com os outros sem a pessoa fazer nada com ele. A tia sempre bota eles de castigo porque fazem besteira. Eu nem ando com eles.”

(Aluno Pedro)

“Com certeza! Na minha turma a maioria é. Eles gostam de sair da sala toda hora, de rabiscar a parede do banheiro e o tio briga com eles mas não adianta. Eles falam que vão dar um tiro na cara de quem se meter com eles. Também dão fora na professora, não fazem nada que a professora quer.”
(Aluna Beatriz)

Podemos perceber no discurso dos alunos que há um enorme desrespeito dos alunos com a professora e a insubordinação do aluno que não a percebe como uma autoridade em sala de aula. O aluno fala com a professora com um tom de superioridade e de arrogância, e não demonstra ainda nenhum tipo de respeito e de consideração. Parece que a sua intenção é mostrar que ela deve temê-lo e respeitá-lo. Observo que isto ocorre principalmente na escola pública, na fala da aluna Beatriz relatando que um aluno disse que daria um tiro em quem se metesse com ele. Além disso, a indisciplina está relacionada com a inquietação em sala de aula, onde alunos querem sair a todo instante da sala ou quando conversam sem limites, atrapalhando aqueles que estão interessados no conteúdo.

No entanto, podemos perceber que na visão dos entrevistados, qualquer atitude por parte dos alunos que fuja da proposta de aula do professor é considerada como indisciplina. Dessa forma, tanto o aluno que conversa durante as aulas, não faz o dever, rabisca a parede, briga com outros alunos quanto o que responde a professora, são indisciplinados.

Perguntei as professoras, na seqüência, a respeito do que seria um bom aluno:

“ Ser um bom aluno não é só ficar quieto, fazer uma letra bonita e fazer os exercícios de aula e de casa. É sim ter responsabilidade com suas obrigações e respeitar o outro com suas diferenças”
(Prof^ª Carla)

“É cumprir com seus deveres, estar em dia coma tarefa, saber a hora certa de brincar e estudar. E principalmente, não faltar com respeito com ninguém da escola.”
(Prof^ª Elaine)

“ O bom aluno precisa saber respeitar as regras estabelecidas pela escola. Porque se desde pequena a criança for ensinada que em todos os lugares existem regras que precisam ser

seguidas, quando crescer será um adulto bem resolvido e independente, certo de suas obrigações.”

(Prof^ª Roberta)

“ Ser um bom aluno vai muito além de sentar no lugar e ficar de boca calada. O aluno tem a necessidade de falar, de se expressar. Cabe ao professor conversar com seus alunos e criar regras para uma boa convivência dentro da sala, pois com respeito e sabendo a hora certa de fazer as coisas, todos todos da sala terão um convívio melhor e o professor perceberá que aquele aluno que antes não era bom de acordo com a sua concepção, agora melhorou depois das conversas”

(Prof^ª Vilma)

Não há dúvida de que existe entre o aluno e o professor um jogo de expectativas relacionadas aos respectivos desempenhos. A escola como instituição social determina aos seus próprios integrantes os comportamentos que deles se espera. Por outro lado, como instituição social, ela é determinada pelo conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre ela.

Há um certo consenso sobre os comportamentos que se espera de um professor e o mesmo acontece com relação ao aluno. Isto significa dizer que parte da relação professor-aluno já é predeterminada socialmente.

Além disso, sobre o professor e o aluno há todo o peso das relações institucionais. *“As instituições controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição a muitas outras que seriam teoricamente possíveis instituições têm sempre uma história, da qual são produtos e isto implica controle.”*(CUNHA apud Berger e Luckmann, 1978, p.80)

Dentro das escolas é cobrado do aluno diversas formas de disciplina; respeito; como se portar nas aulas; maneira de falar com as pessoas... E todas estas formas de disciplina envolvem um certo número de papéis que o aluno deve desenvolver, participando assim do caráter controlador da escola.

De acordo CUNHA apud Berger e Luckmann (1978) , *“... em virtude dos papéis que desempenha, o indivíduo é introduzido em áreas específicas do conhecimento socialmente objetivado, não somente no sentido cognitivo, mas também do conhecimento de normas, valores e mesmo ações”* (p. 104)

Quando pergunto aos alunos sobre o que pensam a respeito do que é ser um bom aluno, novamente as falas dos alunos se inter-relacionam, pois todos têm uma visão bastante parecida entre si do que é ser um bom aluno.

“Um bom aluno é aquele que faz suas tarefas de casa e de aula direitinho, respeita a professora, respeita os colegas, não deixar lixo cair no chão, não xinga, não bagunça a aula e participa quando a professora pergunta.”

(Thamires)

“Estudar, não brigar, ficar quieto quando a tia falar, prestar atenção na aula, não machucar os outros na hora do recreio e obedecer a todo mundo da escola”

(Fernando)

“ Ser um bom aluno é ficar quietinho, não bater, não xingar, respeitar, obedecer a tia e fazer todo dever pra tia não brigar e não ficar de castigo.”

(Pedro)

“ Ser um bom aluno é não falar palavrão dentro da sala, não desobedecer a professora, não sair da sala sem pedir, não rabiscar a cadeira e a parede. Prestar atenção na aula e deixar a professora explicar o dever”

(Beatriz)

Entre as expressões usadas pelos alunos, podemos observar que não falar, respeitar, não brigar e fazer os deveres aparecem em praticamente todas as falas. No entanto, a visão de participação e autonomia não está claramente estabelecida na mente desses alunos.

A discriminação e a rotulação de bom ou mau aluno, cria uma rígida divisão de papéis na sala de aula. O aluno cala, obedece, é julgado e punido, enquanto o professor ordena, pune e julga.

Essa repartição de papéis existentes na escola entre professores e alunos é vista como algo completamente natural, essa idéia já foi internalizada e às vezes o próprio aluno nem precisa do julgamento e da intervenção do professor para formar o conceito de si mesmo.

Os bons alunos, no entanto são premiados, elogiados, valorizados e os maus são punidos, excluídos, castigados, por não se encaixarem no formato que a escola ou a professora determina.

A rigor, poderíamos afirmar que não há o bom e o mau aluno na escola, esses termos são inventados pela sociedade para classificar os indivíduos e moldá-los no perfil que ela acha ser o correto, punindo e enquadrando os que se comportam diferentemente dos moldes corretos.

Durante muitos anos, o professor montou uma representação padrão de um aluno, projetando o desejo de que ele venha de casa educado, se comporte adequadamente nas aulas, com a família providenciando todos os requisitos básicos para que ele conviva em sociedade e aprenda. Porém, esse aluno padrão não existe. Da mesma forma, é fictícia a concepção de família ideal. Pai e mãe trabalham fora e nem sempre moram na mesma casa, e os dois fatores levam à diminuição do tempo dedicado às crianças e, com isso, dos momentos de também se criar normas com o próprio filho. Portanto, a tendência de muitos professores é fazer o enquadramento do aluno ideal. Uma saída par esta situação, é conscientizar-se de que o novo papel do professor inclui atender o aluno que não vem pronto de casa para adquirir o conhecimento. E nunca é demais lembrar que só consegue motivar o aluno quem conhece boas práticas de ensino. Assim

Então, a partir destas práticas, o professor precisa estabelecer ações para solucionar ou prevenir problemas de indisciplina, refletindo sobre o grau de participação dos alunos e comunidade escolar, na hora de estabelecer normas de comportamento social. Assim, acontecerá o que nos diz TIBA:

“Os alunos só podem se comprometer com a escola, se ela promover uma educação participativa que estimule o treinamento da emoção. Para haver disciplina, é necessária a presença de uma autoridade saudável. Para recuperar a autoridade, não é necessário se impor algo, é preciso que a mesma seja reconhecida através do afeto, do respeito, de maneira natural. Talvez, o segredo esteja no desenvolvimento da auto-estima”. (Tiba 2001, p. 102).

CAPÍTULO VII

CONCLUSÕES

É certo, portanto, que o problema está no fato de que o aluno já vem de uma formação familiar ao chegar na sala, e o professor concentra-se apenas na sua posição normalizadora gerando conflitos de identidade. As diferenças marcadas pela instabilidade e pela insuficiência, apontam para a inutilidade de um controle totalitário, pois os alunos buscam de modo espontâneo e não planejado trabalhando para que haja instalação de qualquer tipo de autoritarismo. Quanto maior a repressão, maior a reação dos alunos em tentar garantir forças que assegurem sua força em sala.

Quando o professor consegue, juntamente com os alunos, administrar a indisciplina, isso não significa que terá uma sala ou escola em paz, mas que os alunos e professores, por estarem no mesmo espaço serão obrigados a se respeitarem e a respeitar regras em comum. O professor ocupa seu papel, onde impõe limites, mas também abre espaço para que o aluno ajude a montar regras e a lidar com seus amigos e escola.

Segundo Cury, a melhor forma de ajudar os alunos e filhos é fazê-los repensarem suas atitudes, buscando se colocar no lugar do outro.

“Bons pais corrigem falhas, pais brilhantes ensinam os filhos a pensar. Entre corrigir erros e ensinar a pensar existem mais mistérios do que imagina nossa vã psicologia. Não seja um perito em criticar comportamentos inadequados, seja um perito em fazer seus filhos refletirem. As velhas broncas e os conhecidos sermões definitivamente não funcionam, só desgastam a relação.” (p. 93)

Para o autor, educando o aluno desta forma, você estará contribuindo para desenvolver no jovem, a liderança, tolerância e ponderação nos momentos difíceis. O referido autor sugere ainda, que não se coloque limites sem dar explicações; que ao educar, faça primeiro o uso do silêncio e depois exponha sua idéias e sentimentos; que se elogie o jovem antes de puni-lo, desta forma o aluno poderá acolher melhor suas observações e pedidos.

“Pais brilhantes e professores fascinantes não desistem dos jovens, ainda que eles os decepcionem e não lhes dêem retorno imediato. Paciência é o seu segredo, a educação do afeto é sua meta”. (p.97)

Entendo que a disciplina é uma conquista, e que o diálogo é a base de sua construção, pois somente através dele é que há construção de superação das condições, de desmistificações da realidade e a busca da consciência crítica, através de uma atitude criadora e necessária; ao contrário de ser marcada pelo castigo e pelas ameaças, a disciplina deve ser marcada pela utilização de informações e transformações, onde o espaço da sala de aula será um ambiente marcado pelo respeito, pela construção de regras em conjunto, pela união e participação ativa de cada membro da escola. Sendo assim, para que se possa usufruir desta disciplina interativa e consciente, a escola, o professor e o aluno devem desempenhar seus respectivos papéis e juntos construir a disciplina desejada.

Segundo Foucault, a escola tem um papel fundamental na disciplina, ela controla comportamentos, ela enquadra os indivíduos em suas normas, ela é excludente e punitiva. Assim é a escola na visão de Foucault, mas a imagem desta escola pode e deve ser mudada e junto com ela a relação educativa.

Precisamos dar lugar à escola criadora, escola ativa, escola do coletivo, da inovação, onde o professor tem a função de guiar para a descoberta, para a construção da verdade, valorizando o esforço da pesquisa e da descoberta. Uma escola igual para todos, a fim de que todas as pessoas desenvolvam a sua capacidade de trabalhar intelectual e manualmente, para que possam, então, ter autonomia nas próprias decisões.

Ou seja, uma escola que valorize a busca de conhecimentos, de forma que professores e alunos tenham total autonomia de ousar, criar, cuja função é trocar conhecimentos de uma maneira amigável e satisfatória, uma escola que eduque para uma liberdade historicamente construída.

A escola de hoje passa por uma crise de identidade, é preciso que se recupere o sentido da escola, o sentido do porquê se tem que estudar, o sentido do projeto pedagógico escolar.

É importante a participação da comunidade, do aluno e do professor naquilo que é fundamental para a escola.

A escola, em geral, forma indivíduos muitas vezes submissos e com profundas dificuldades de dialogar, pesquisar, de aprendizagem, de discutir e, principalmente, de reivindicar seus direitos e deveres de cidadão.

A minha intenção aqui é deixar claro o papel da escola na construção da disciplina desejada, uma escola onde o aluno se sinta feliz, se sinta parte dela e responsável pelo êxito. Uma escola formadora de cidadão consciente, crítico e participativo.

O professor tem que ter clareza de seu papel, ter firmeza em assumi-lo e autoridade diante de seus alunos. Sabemos que a educação, no seu verdadeiro sentido, não se faz sem autoridade, pois o aluno precisa de um referencial do professor para construir seus conhecimentos. Mas essa autoridade não deve ser confundida com autoritarismo.

Segundo Paulo Freire, não são só esses dois conceitos, de autoridade e autoritarismo que são confundidos cotidianamente, o conceito de liberdade e licenciosidade também.

A autoridade autoritarista impõe a disciplina hierarquicamente, silenciando os alunos e aniquilando qualquer possibilidade de uma educação dialógica. Isso não quer dizer que o silêncio não seja importante; muitas vezes é. Mas o que não pode acontecer é um silenciamento, pois este rompe com o espaço de expressão e criação dos alunos, que é, inclusive, indispensável para a aprendizagem realmente significativa.

O professor deve ser uma autoridade pelos conhecimentos que acumula, pela sua experiência pedagógica e não pelo temor que causa.

Tendo o professor clareza do seu papel em sala de aula, fica mais fácil se obter uma disciplina consciente, já que seu papel é legitimado socialmente, na medida em que tem como função formar a nova geração.

Segundo Paulo Freire, o professor que

“ desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele se ponha em seu lugar.” (p. 67)

Esse professor estará afogando a liberdade do aluno, esse professor autoritário nega o direito do educando de ter curiosidade e de construir o saber. Paulo Freire diz que cabe ao professor a consciência de respeitar a autonomia do aluno.

“Saber que devo respeito à autonomia e a identidade do educando exige uma prática em tudo coerente com este saber”(p.67)

Neste caso, é o bom senso quem vai mostrar que a autoridade que o professor detém em sala de aula, o ato de tomar decisões, a orientação de atividades, a cobrança das atividades não é sinal de autoritarismo.

Na Pedagogia autoritária, por outro lado, o diálogo e o saber são negados ao educando, que acaba se tornando preso à submissão, incapaz de ter autonomia e de construir seus próprios conhecimentos.

A má formação, a falta de estímulo e a falta do ato de pesquisar levam o professor a ter uma formação deficiente e vazia, conduzindo-o a um comportamento autoritário para conseguir de alguma forma manter a atenção dos alunos.

A sala de aula se transforma, então, não mais num lugar de liberdade e criação, mas em um palco de imitação e de informações de segunda mão.

O que se pode fazer, no entanto, é recriar a prática do professor e repensá-la de modo que o mesmo tenha total clareza de seu papel como professor e mestre, não limitando-se à mera reprodução de saberes e práticas em sala de aula.

O professor deve despertar a curiosidade, a criatividade e principalmente o espírito de investigação do aluno. Estimulá-lo a pensar e criar por si só.

O professor ainda continua sendo o elemento central no processo de ensino/aprendizagem, mas bem sabemos que este inexistente sem os alunos. A disciplina, de certa forma, é confundida com submissão aos interesses de pessoas que possuem maior poder na escala social, ela pouco tem sido entendida como elemento chave para a promoção da liberdade, considerada aqui em seu sentido pleno, não a confundindo com espontaneísmo ou licenciosidade.

O aluno é a peça chave para a disciplina escolar. A dificuldade está na falta de motivação para estudar. Entretanto, quando estão interessados não falta motivação (esportes, informática, música, etc), são animados, empreendedores e disciplinados. Quando os alunos são convidados a participar de Conselhos de Classe, ou quando avaliam as aulas, a grande “reclamação” é da monotonia das aulas. Na maioria das vezes, a reclamação realmente procede. E, é, consenso, entre os educadores, que aulas bem planejadas, com técnicas variadas, adaptadas às diferenças entre as turmas e alunos, acabam se tornando uma boa alternativa para resolver a indisciplina na escola.

Na maioria das vezes, o diálogo e a participação são negados ao aluno nas salas de aula. É o professor negando o direito de voz e a participação ao aluno e o mesmo tornando-se marionete, falando e ouvindo somente quando permitido.

Visto que a participação consciente e interativa em sala de aula é uma exigência para um ensino transformador e inovador, e para que toda esta participação tenha um efeito positivo, além da escola e do corpo docente, o aluno precisa ser uma das peças principais deste quebra-cabeça.

De acordo com Paulo Freire, a educação, para ser uma ferramenta para a transformação do sujeito alienado em crítico, deve fazer com que não só professores, mas principalmente alunos estejam comprometidos com o processo de mudança na própria sala de aula.

Dentro de uma perspectiva autoritária de educação, de mundo, o aluno é treinado para repetir os padrões impostos pela sociedade; ou seja, não é interessante que ele questione e lute pelos seus direitos, mas que seja submisso às ordens externas, sem o desenvolvimento da capacidade de expor suas opiniões, de dialogar e de se colocar como sujeito. É essa consciência crítica que deve fazer da construção da formação autônoma do aluno.

A busca da autonomia é essencial para o aluno, o ensino deve ser significativo e interativo, sendo este um dever da escola.

Regras elaboradas em comunhão e liberdade de expressão são o que o aluno necessita, de fato, para obter uma aprendizagem significativa.

Portanto, cabe ao aluno construir, juntamente com o professor, conhecimentos, conceitos, regras e momentos de participação livre e criativa.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 1978
- BONAZZI, Chantal de Tourtier. Arquivos: propostas metodológicas. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes. 1998.
- BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Loyola/PUC- RJ, 2002. p. 27-43
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- COELHO, I. M. Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. (Org.). **Formação do educador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996. v, 1, p. 17-46.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**, Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História Oral de Vida**. São Paulo: Papyrus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir; história da violência nas prisões**. Petrópolis : Vozes, 2000
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- FREIRE, Paulo & Shor, Ira. **Medo e Ousadia. O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1986.

- GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002
- KANDEL, Liliâne. Reflexões sobre o Uso da Entrevista, Especialmente a não diretiva, e sobre as pesquisas de opinião. In Thiollent, Michel, Michel J. M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1980.
- LÜDKE, Menga (org). **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- NÓVOA, Antônio e outros. **Vida de Professores**. Portugal, Porto Editora Ltda, 1995.
- PEREIRA, Maria José de Moraes. **Disciplina e Castigo na Escola: um estudo a partir da trajetória de vida de duas professoras do Ensino Fundamental**. Dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2000.
- REVISTA Nova Escola, Editora Moderna, edição 183, Ano 2000.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Por entre planos, fios e tempos: pesquisa em sociologia da educação. In ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILILA, Rita Amélia Teixeira (orgs.) **Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P. 81-105
- TIBA, Içami. **Disciplina na medida certa**. São Paulo: Gente, 2001
- VAS CONCELOS, Geni A. N. (org). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

ANEXOS

Entrevistas feitas com alunos e professores

Professora Carla

1- O que é indisciplina para você?

“O que é disciplina? A indisciplina eu acho que é um hábito que a gente constrói com eles, um hábito de estudo, um hábito de como se comportar em determinados locais, e a indisciplina é a gente não conseguir isso. É quando por exemplo o aluno não respeita, debocha, ofende aqueles que estão ao seu redor. Acho que isso é indisciplina, porque querendo ou não existem ordens, existe a hierarquia na escola e em todo lugar e isso precisa ser respeitado para que as coisas funcionem bem”.
(Professora Carla)

2- O que causa a indisciplina?

“Quando eles não estão bem emocionalmente isso é um grande motivo para acontecer a indisciplina, problemas neurológicos, e tudo isso se encadeia no problema cognitivo, e o problema cognitivo gera a indisciplina. Acho que todos envolvidos no processo de desenvolvimento do aluno são responsáveis pela disciplina, os pais, os professores, a escola.. Muitas das vezes precisamos contar com o apoio dos pais e se estes não estiverem comprometidos com a educação de seus filhos, tudo irá caminhar lentamente, mais se os pais estiverem envolvidos nesse processo, com certeza todos serão beneficiados com esta relação.”
(Professora Carla)

3- Quais são as estratégias que você utiliza para diminuir a indisciplina dentro da sala de aula? É utilizado algum tipo de castigo? Isso funciona?

“Olha, eu procuro perceber o fator que está gerando essa indisciplina, procuro questionar os responsáveis. Eu aprendi uma coisa com a minha professora num curso que eu fiz de psicomotricidade que nada melhor do que uma forma amorosa e carinhosa de você conseguir dobrar o aluno e muitas das vezes a forma indisciplinada do aluno agir dentro da sala de

aula é também pela forma como a professora age com ele, porque toda ação tem uma reação. E eu percebo que desta forma a atenção deles é muito melhor, eles olham dentro dos meus olhos e conseguem entender o que eu estou falando com eles, e começam a agir de outra forma, às vezes mesmo não conseguindo, eles sabem que precisam agir da outra forma, eles pedem desculpas e falam que não vão voltar a fazer.”
(Professora Carla)

4- Relate algum caso de indisciplina que você já presenciou.

“Eu até tenho os meus relatos, mais uma coisa que muito me chamou atenção na fala desta professora de psicomotricidade que um dia seus alunos estavam saindo da sala para fazer uma atividade no pátio e um aluno com uma idade mais avançada mandou que ela fosse a merda na frente de todos os alunos, e todo mundo parou e ficou pensativo assim: nossa, o que que ela vai fazer agora? E ela foi em direção a ele, o abraçou e falou baixinho no ouvido dele: Você me deve pedido de desculpas. Ele ficou todo constrangido, porque não sabia como lidar com a situação e ao mesmo tempo percebeu que ela não era uma professora autoritária e começou a agir de outra forma e pediu desculpas na frente de todo mundo.”
(Professora Carla)

5-Para você, o que é ser um bom aluno?

“ Ser um bom aluno não é só ficar quieto, fazer uma letra bonita e fazer os exercícios de aula e de casa. É sim ter responsabilidade com suas obrigações e respeitar o outro com suas diferenças”
(Profª Carla)

Professora Elaine

1- O que é indisciplina para você?

“É quando o aluno não tem organização nas tarefas e no dia-a-dia, não respeita, não cumpre com os seus compromissos, não sabe a hora certa de fazer suas tarefas e não está atento às novas oportunidades, arruma sempre um jeito de prejudicar o

próximo. O aluno precisa saber a hora certa de fazer o dever e da brincadeira.”
(Professora Elaine)

2- O que causa a indisciplina?

“Talvez uma das causas pela indisciplina de alguns alunos é a criação que eles recebem em casa. As crianças transparecem muito aquilo que elas vivem em casa. Mas também não só a criação, muitos professores são os causadores da indisciplina dos alunos, por às vezes não compreender o aluno, sempre tratá-lo sem paciência, ou até mesmo agredi-lo com palavras.”
(Professora Elaine)

3- Quais são as estratégias que você utiliza para diminuir a indisciplina dentro da sala de aula? É utilizado algum tipo de castigo? Isso funciona?

“Não sou adepta ao castigo, no máximo suspendo o recreio ou a educação física, que é o que eles mais gostam. Prefiro conversar e fazer o aluno perceber o quanto está perdendo se comportando de maneira indesejável. Quando a conversa não dá certo, converso com os pais e coloco para eles toda a situação, pedindo também ajuda em casa. Geralmente a resposta é positiva.”
(Professora Elaine)

4- Relate algum caso de indisciplina que você já presenciou.

“Quando eu era recém formada, fui dar aula numa escola particular de São Gonçalo, a turma tinha 28 alunos e um aluno em especial era muito agressivo, tinha um temperamento extremamente alterado, e certo dia ele se alterou e começou a levantar a cadeira e jogar ela pra cima, os outros alunos ficaram chocados com esta atitude, e eu mais ainda, pois não sabia o que fazer. Quando fui chamar a atenção deste aluno, simplesmente ele falou que eu não era nada dele para lhe chamar a atenção e saiu correndo e gritando pela escola que queria morrer. Voltou pra sala e levantou novamente a cadeira jogando ela para cima. Eu chamei ele lá fora. Pedi que uma outra professora olhasse a minha turma, esperei ele se acalmar e conversei com ele, perguntei os motivos que ele estava fazendo aquelas coisas ele me respondeu que não agüentava mais a vida que estava levando, porque seus pais brigam o tempo todo dentro de casa e quando chega na escola

ninguém dá atenção pra ele. Na mesma hora eu fiquei comovida e tive um outro tratamento com este aluno, que antes era repressor, passou a ser de mais carinho e atenção, porque eu vi que aquele aluno precisava era disso.”
(Professora Elaine)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“É cumprir com seus deveres, estar em dia com a tarefa, saber a hora certa de brincar e estudar. E principalmente, não faltar com respeito com ninguém da escola.”
(Profª Elaine)

Professora Roberta

1- O que é indisciplina para você?

“Os pais têm que educar os filhos, como se comportar nas diversas situações, na escola, no clube, na rua, onde quer que eles estejam. Tem criança que não atende às regras que são impostas e acabam agindo de forma indisciplinada. Não param quietas um segundo na sala e sentem a necessidade de estar falando o tempo todo.”
(Professora Roberta)

2- O que causa a indisciplina?

“Pra mim, muitas coisas influenciam na disciplina da criança. Quando o ambiente escolar não é interessante ou a aula se torna monótona, a criança acaba se desinteressando da aula e prejudica a turma com certos tipos de comportamentos. Nem sempre aquilo que a gente está trabalhando interessa ao aluno. Então eu tenho que buscar outras formas. A influência da televisão também é outra coisa que influencia, os desenhos que os alunos vêem e principalmente o ambiente familiar que este aluno está inserido, pois se a família não cobra, a criança se acha no direito de fazer na escola o que ela faz em casa. Então eu acho isso tudo muito complicado.”

3- Quais são as estratégias que você utiliza para diminuir a indisciplina dentro da sala de aula? É utilizado algum tipo de castigo? Isso funciona?

“Quando há problemas, procuro incentivá-los a resolverem, mas às vezes isso não dá certo, então eu tenho que chamar a atenção deles usando como estratégia a hora da saída ou a perda de algum privilégio (brincar com massinha, com os jogos, etc) Vejo que às vezes funciona, eles ficam furiosos e obedecem, mas no outro dia, tenho que falar tudo de novo, porque eles acabam cometendo os mesmos erros.”
(Professora Roberta)

4- Relate algum caso de indisciplina que você já presenciou.

“Um outro dia, duas alunas começaram a discutir na hora do recreio e no momento que eu ia falar com as duas para pararem, elas começaram a se atracar e uma arranhou a outra. Chamei as duas para conversar e comuniquei com os responsáveis o acontecido. Depois desse dia, todos os dias tinha um história de briga na minha turma, um quis enfiar o lápis no outro porque ele não emprestou a borracha, outro cuspiu no rosto da outra professora porque ela foi chamar a atenção dele porque estava escrevendo na cadeira. Então eles implicam muito uns com os outros, por tudo querem bater, não têm paciência de resolver as coisas na conversa, são muito difíceis de controlar. Eu já avisei a turma se continuar desse jeito, não terão mais aula de educação física que é o que eles mais gostam e vou cortar o recreio, porque eles não sabem conviver com os colegas. Eu acho isso uma falta de respeito.”
(Professora Roberta)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“O bom aluno precisa saber respeitar as regras estabelecidas pela escola. Porque se desde pequena a criança for ensinada que em todos os lugares existem regras que precisam ser seguidas, quando crescer será um adulto bem resolvido e independente, certo de suas obrigações.”
(Prof^a Roberta)

Professora Vilma

1- O que é indisciplina para você?

“A indisciplina se apresenta de diversas formas. É quando você tenta dar um auxílio ao seu aluno e ele não quer nem saber da sua orientação. Chega a ser até uma falta de respeito com a professora que quer ajudar e simplesmente o aluno diz que sabe se virar sozinho, que não precisa de ninguém e que não pediu ajuda nenhuma, sem contar na maneira como age e trata seus amigos dentro da sala de aula.”
(Professora Vilma)

2- O que causa a indisciplina?

“No meu dia-a-dia, encontro alunos muito difíceis de lidar, tenho alunos que me respondem mal, tenho alunos que xingam uns aos outros, tenho aluno que fala extremamente alto, parece que ele vive num ambiente assim, de se falar muito alto, tenho aluno que discute o tempo todo com o outro e bate por qualquer motivo. Então, observo que a maneira que eles se comportam em outros lugares, influencia na maneira que eles vão se comportar na escola. Falta muito respeito com o professor, com o colega, a maioria faz valer o seu desejo, não quer saber se vai ofender ou magoar alguém para conseguir o que ele quer.”
(Professora Vilma)

3- Quais são as estratégias que você utiliza para diminuir a indisciplina dentro da sala de aula? É utilizado algum tipo de castigo? Isso funciona?

“Não uso o castigo e sim uma espécie de repreensão. Quando o aluno não se comporta direito em sala de aula, converso com eles e falo que se acontecer novamente irão ficar sem o recreio ou então digo que mandarei um bilhete para a mãe. Raramente eu tomo uma atitude de mandar para a secretaria, coordenação ou escrever um bilhete. Mas quando eles percebem que eu não faço isso, logo eles pensam: Ah, nunca acontece nada comigo mesmo! Então a gente tem que saber a hora certa de repreender o aluno.”
(Professora Vilma)

4- Relate algum caso de indisciplina que você já presenciou.

“Já aconteceu de aluno me xingar, porque em escola pública a gente vê muito isso né? Os alunos não tem respeito pelos professores e nem com os outros colegas. O que mais acontece

é aluno andando para lá e pra cá, fazendo o que quer, agredindo o outro, agredindo o professor, quando o professor pergunta o motivo que o aluno não fez o dever, eles respondem, dizem que não é da nossa conta, e que não adianta a gente fazer nada. Se a gente pede para não fazer certas coisas, eles perguntam quem somos nós pra dizer o que eles tem que fazer. Então temos que saber lidar com essa situação. Tem horas que eu perco a paciência e largo de mão. Sei que eu estou errada de fazer isso, mas o que que eu posso fazer se os alunos me ameaçam?

(Professora Vilma)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“ Ser um bom aluno vai muito além de sentar no lugar e ficar de boca calada. O aluno tem a necessidade de falar, de se expressar. Cabe ao professor conversar com seus alunos e criar regras para uma boa convivência dentro da sala, pois com respeito e sabendo a hora certa de fazer as coisas, todos da sala terão um convívio melhor e o professor perceberá que aquele aluno que antes não era bom de acordo com a sua concepção, agora melhorou depois das conversas”

(Profª Vilma)

Entrevista com os alunos

Aluna Thamires

1- O que é indisciplina para você?

“Acho que indisciplina é quando o aluno não para no lugar, conversa o tempo todo e responde a professora.”

(Aluna Thamires)

2- Quem é o responsável pela indisciplina dos alunos? De quem é a culpa?

“ Lá na sala quem é o culpado são os pais que deixam a criança fazer o que quer. Às vezes eles enfrentam a professora

dizendo que os pais deles pagam escola então ela tem que fazer o que eles querem.”

(Aluna Thamires)

3-O que a professora faz para diminuir a indisciplina?

“Quando os alunos não se comportam a professora primeiro chama a atenção, depois se o aluno não parar, ela deixa dez minutos sem recreio. E se ele continuar ela manda um bilhete para os pais na agenda. Todo dia alguém fica sem recreio lá na sala. A professora às vezes não agüenta, porque é sempre os mesmos alunos. Ela briga, deixa de castigo e eles não melhoram.”

(Aluna Thamires)

4-Existem alunos indisciplinados na sua sala? O que eles fazem para serem indisciplinados?

“Ah! Na minha sala tem dois meninos que todos os dias respondem a professora, implicam com os outros alunos, jogam lixo no chão, derrubam qualquer coisa, não pedem desculpas e falam o tempo todo. Nem se preocupa com o que a professora vai fazer. Teve um dia que um desses garotos entornou o lixo da lixeira no chão e disse que não ia catar porque o pai dele paga a escola e ninguém ia obrigar ele. São essas coisas.”

(Aluna Thamires)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“Um bom aluno é aquele que faz suas tarefas de casa e de aula direitinho, respeita a professora, respeita os colegas, não deixar lixo cair no chão, não xinga, não bagunça a aula e participa quando a professora pergunta.”

(Aluna Thamires)

Aluno Fernando

1- O que é indisciplina para você?

“Indisciplina é uma coisa que os alunos não têm. É ficar falando na aula e não obedecer.”

(Aluno Fernando)

2- Quem é o responsável pela indisciplina dos alunos? De quem é a culpa?

“ Eu acho que a família que não dá educação para eles. Eu acho que os pais devem conversar com os filhos para ver se eles melhoram. Tem muita criança que até não obedece os pais, não é só na escola. Eu conheço um menino de lá de perto da minha casa que ele fica às vezes com a avó e ele bate na avó, xinga ela. E a mãe dele não faz nada . Esse menino vê também a mãe dele xingando a avó e xinga também.”

(Aluno Fernando)

3- O que a professora faz para diminuir a indisciplina?

“A tia às vezes deixa sem educação física na sala quando não faz o dever de casa, ou então chama a coordenadora para ir lá na sala brigar com a turma quando eles estão falando muito, mas isso só é às vezes. Aí as crianças ficam quietinhas.”

(Aluno Fernando)

4- Existem alunos indisciplinados na sua sala? O que eles fazem para serem indisciplinados?

“Na minha sala não, mas nas outras turmas tem. Eu vejo na hora do recreio eles gritando e brigando. Eles fazem isso porque eles tem raiva um do outro. Já vi também ele falando pra tia que não ia fazer o dever que era muito chato.”

(Aluno Fernando)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“Estudar, não brigar, ficar quieto quando a tia falar, prestar atenção na aula, não machucar os outros na hora do recreio e obedecer a todo mundo da escola”

(Aluno Fernando)

Aluno Pedro

1- O que é indisciplina para você?

“ Não respeitar os mais velhos, quebrar tudo. Quando bagunça, faz besteira, não obedece a mãe, o pai, o avô, a avó, a professora, todo mundo.”
(Aluno Pedro)

2- Quem é o responsável pela indisciplina dos alunos? De quem é a culpa?

“ A tia que não briga forte com eles. A tia tem que brigar mais e botar mais de castigo pra eles melhorarem.”
(Aluno Pedro)

3- O que a professora faz para diminuir a indisciplina?

“A tia manda ele pedir desculpa quando ele bate e bota ele de castigo do lado dela sem brincar, ou dá uma cópia bem grande pra ficar fazendo no recreio e todo mundo brinca menos ele.”
(Aluno Pedro)

4- Existem alunos indisciplinados na sua sala? O que eles fazem para serem indisciplinados?

“Tem, tem muitos. Quando tá na hora da cópia o aluno não quer fazer, a tia manda ele fazer e ele responde ela, ou então no recreio fica implicando com os outros sem a pessoa fazer nada com ele. A tia sempre bota eles de castigo porque fazem besteira. Eu nem ando com eles.”
(Aluno Pedro)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“ Ser um bom aluno é ficar quietinho, não bater, não xingar, respeitar, obedecer a tia e fazer todo dever pra tia não brigar e não ficar de castigo.”
(Aluno Pedro)

Aluna Beatriz

1- O que é indisciplina para você?

“ É falar que vai fazer algum mal à pessoa, que vai brigar, não vai respeitar. É tudo isso que o aluno faz pra bagunçar a aula. Quando ele não quer copiar e fala que não vai fazer. Responde todo mundo. Acha que ele manda nele.”

(Aluna Beatriz)

2- Quem é o responsável pela indisciplina dos alunos? De quem é a culpa?

“ Com certeza a culpa é dos pais deles que ficam andando com arma e deixa eles soltos fazendo o que querem. Eles xingam todo mundo, batem, não respeitam e se acham os donos do mundo. Esses meninos deviam receber um castigo muito grande pelas coisas que fazem, mas eu acho que a professora tem medo dos pai deles, aí eles ficam assim”

(Aluna Beatriz)

3- O que a professora faz para diminuir a indisciplina?

“A professora briga muito com eles mas não adianta porque eles respondem, aí eles fazem tudo de novo. Quando eles ficam saindo da sala, ela vai atrás deles e diz que se eles não respeitarem ela vai chamar os pais na escola ou vai dar suspensão. E eles dizem que pode fazer isso, porque os pais não vão fazer nada e que os pais deles são perigosos. Aí a professora deixa eles pra lá.”

(Aluna Beatriz)

4- Existem alunos indisciplinados na sua sala? O que eles fazem para serem indisciplinados?

“Com certeza! Na minha turma a maioria é. Eles gostam de sair da sala toda hora, de rabiscar a parede do banheiro e o tio briga com eles mas não adianta. Eles falam que vão dar um tiro na cara de quem se meter com eles. Também dão fora na professora, não fazem nada que a professora quer.”

(Aluna Beatriz)

5- Para você, o que é ser um bom aluno?

“ Ser um bom aluno é não falar palavrão dentro da sala, não desobedecer a professora, não sair da sala sem pedir, não rabiscar a cadeira e a parede. Prestar atenção na aula e deixar a professora explicar o dever”

(Aluna Beatriz)